



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS ERECHIM

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

GABRIELI MARIA WORST

**MEMÓRIA EM SOLIDÃO: REPRESENTAÇÕES DA HISTÓRIA DA AMÉRICA
LATINA ATRAVÉS DO REALISMO MARAVILHOSO EM *CIEN AÑOS DE SOLEDAD*,
DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**

ERECHIM

2021

GABRIELI MARIA WORST

**MEMÓRIA EM SOLIDÃO: REPRESENTAÇÕES DA HISTÓRIA DA AMÉRICA
LATINA ATRAVÉS DO REALISMO MARAVILHOSO EM *CIEN AÑOS DE SOLEDAD*,
DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de
Licenciatura em História da Universidade Federal da
Fronteira Sul como requisito para obtenção do grau de
licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério

ERECHIM

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

, Worst, Gabrieli Maria
Memória em solidão: Representações da História da América Latina através do Realismo Maravilhoso em Cien Años de Soledad, de Gabriel Garcia Márquez / Worst, Gabrieli Maria . -- 2021.
62 f.

Orientador: Doutor em História Valério, Mairon Escorsi

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Erechim, RS, 2021.

1. América Latina. Necropolítica. Cien años de soledad. Literatura. História.. I. , Valério, Mairon Escorsi, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

GABRIELI MARIA WORST

**MEMÓRIA EM SOLIDÃO: REPRESENTAÇÕES DA HISTÓRIA DA AMÉRICA
LATINA ATRAVÉS DO REALISMO MARAVILHOSO EM *CIEN AÑOS DE SOLEDAD*,
DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Licenciado em História da
Universidade Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi definido e aprovado pela banca em: 26/10/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Mairon Escorsi Valério
Orientador



Prof. Gerson Wasen Fraga
Membro

Mairon Egori Sales

Prof. Gerson Luis Egas Severo
Membro

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha mãe, Nelvi Pootz, que me apoiou;
À minha irmã, Sabrina M. Worst, que sempre foi meu exemplo;
Ao meu noivo, Ilson Kaiser, que me inspirou e acreditou que seria possível;
E à minha amiga, Elisabete da Luz Pessoa da Silva, que a Covid levou do meu abraço, mas
nunca do meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço pela oportunidade de escrever meu trabalho de conclusão de curso, por ter conseguido ingressar em uma Universidade Pública e de qualidade.

Sou grata à minha mãe, Nelvi Pootz, que sempre me incentivou a estudar, desejando para mim o estudo que ela não pode ter.

E ao meu noivo, Ilson Kaiser, que com muita compreensão e amor me acompanhou em grande parte do meu curso, que me inspirou e acreditou em mim, mesmo quando eu desacreditei. Pessoa essa, que me recebeu como caloura, no primeiro dia, e que representou a mais bela conquista que tive na UFFS.

EPÍGRAFE

Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e malandros, todos nós, criaturas daquela realidade desaforada, tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque para nós o maior desafio foi a insuficiência dos recursos convencionais para tornar nossa vida acreditável. Este é, amigos, o nó da nossa solidão. (MÁRQUEZ, 2011. p. 25)

RESUMO

O presente trabalho visa pensar, a partir da análise a leitura da obra de Gabriel García Márquez, “*Cien años de soledad*” acerca da solidão historiográfica latino-americana, tendo como principal objeto de análise a cena do trem de mortos, descrita no livro. Dessa maneira, os objetivos traçados são: pensar sobre os usos da literatura como fonte de estudo histórico; considerar a relevância do Realismo Maravilhoso para a América Latina; fazer ligações entre a vida e a obra do autor; abordar questões necropolíticas que se fazem presentes, tanto na obra literária, quanto na política real colombiana; e por fim, refletir acerca da cena de trem de mortos desacreditada no livro. Portanto, a questão principal que conduzirá o trabalho, se encontra na análise de como a solidão historiográfica latino-americana é representada na obra de García Márquez, mais especificamente, no trecho em que é retratado o trem de mortos, fato que além de real e literário, é muito sintomático da solidão latino-americana.

Palavras-chave: América Latina. Necropolítica. *Cien años de soledad*.

RESUMEN

El presente trabajo pretende pensar, a partir del análisis de la lectura de la obra de Gabriel García Márquez, “*Cien años de soledad*” sobre la soledad historiográfica latinoamericana, teniendo como principal objeto de análisis la escena del tren de muertos, descrita en el libro. Así, los objetivos planteados son: pensar en los usos de la literatura como fuente de estudio histórico; considerar la relevancia del Realismo Maravilloso para América Latina; hacer conexiones entre la vida y la obra del autor; abordar cuestiones necropolíticas que están presentes, tanto en la obra literaria como en la política colombiana real; y, finalmente, reflexionar sobre la escena del tren de muertos desacreditado en el libro. Por tanto, el tema principal que guiará el trabajo se encuentra en el análisis de cómo se representa la soledad historiográfica latinoamericana en la obra de García Márquez, más concretamente, en el pasaje en el que se retrata el tren de muertos, hecho que es real y literario, y también muy sintomático de la soledad latinoamericana.

Palabras-clave: América Latina. Necropolítica. *Cien años de soledad*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O REALISMO MARAVILHOSO: ENTRE A LITERATURA E A HISTORIOGRAFIA DA AMÉRICA LATINA	13
2.1 HISTÓRIA: NOVAS FONTES.....	13
2.1.1 Literatura e História: possibilidades	14
2.1.2 Retratos do real: entre a Historiografia e a Literatura	15
2.2 MOVIMENTOS LITERÁRIOS NA AMÉRICA LATINA.....	17
2.2.1 Realismo Maravilhoso e a América Latina	19
2.2.2 O Brasil Maravilhoso	21
2.3 ENTRE O MÁGICO E O MARAVILHOSO, QUAL É O REALISMO?.....	23
3 GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ E A COLÔMBIA: ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA	25
3.1 VIDA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ.....	25
3.1.1 A escrita e publicação de <i>Cien años de soledad</i>	28
3.1.2 Obras publicadas	29
3.2 <i>CIEN AÑOS DE SOLEDAD</i> : ONDE A COLÔMBIA E GARCÍA MÁRQUEZ SE ENCONTRAM.....	30
3.2.1 O Realismo Maravilhoso de <i>Cien años de soledad</i>	31
3.2.2 Colômbia: entre conflitos	34
3.2.3 A memória durante o trauma	36
3.3 A COLÔMBIA EM <i>CIEN AÑOS DE SOLEDAD</i>	36
3.3.1 Os embates na literatura: conservadores e liberais em <i>Cien años de Soledad</i>	37
3.3.2 A República de bananas: a intromissão estadunidense na Colômbia	39
4 A PREÇO DE BANANA: QUANTO VALE A VIDA LATINO-AMERICANA?	43
4.1 A POLÍTICA DE PODER DE MORTE.....	43
4.1.1 Desigualdades sociais	44
4.1.2 Política da solidão	45
4.2 O MASSACRE DOS TRABALHADORES BANANEIROS.....	46
4.2.1 A greve em Magdalena	46
4.2.2 O conflito e a caricatura da necropolítica	47
4.3 O TREM DE MORTOS: ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO.....	50

4.3.1 A Solidão Historiográfica Latino-americana representada pela cena de trem de mortos.....	52
4.3.2 A Solidão.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
FONTES.....	58
REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

Desde os mais remotos momentos, a humanidade sempre demonstrou interesse por histórias passadas, narrativas fantásticas, seres míticos e as mais diversas criações que a imaginação pode gerar. Até mesmo, em relação a chegada dos europeus no território que corresponderia posteriormente à América Latina, é possível ler contos, que teriam o intuito de ser diários, mas que devido às emoções e aos medos de cada um de seus escritores, tornaram-se as mais bizarras histórias fictícias, que pouco a pouco foram sendo difundidas globalmente.

Ao longo dos anos, porém, se fez possível identificar alguns exageros nas anteriores escritas, porém, os europeus se mantiveram detentores do conhecimento e das cátedras, fazendo com que toda a história fosse contada por eles. E se o real latino-americano era tão distante e inacessível, o que restava ao mundo era simplesmente aceitar as narrativas das quais tinham acesso, e crê-las verdadeiras e universais.

Porém, com o passar do tempo, e depois da fixação de inúmeros ciclos de violência na América Latina, o silêncio, por si só, não lhes bastou. Como o conhecimento oficial estava atrelado à produção científica europeia, restou aos que se encontravam às margens da historiografia, abordar seus assuntos, seus traumas e suas necessidades através de outros meios. E dessa maneira, portanto, a literatura surge como uma excelente ferramenta de acessar seu lugar de fala, e tomar em suas mãos sua própria História.

Nesse âmbito, é escrita, dentre outras tantas produções, a obra “*Cien años de soledad*” que, segundo seu autor, Gabriel García Márquez, teria sido escrita a fim de que as estirpes condenadas a cem anos de solidão pudessem ter uma nova chance sobre a terra. E é sobre esse descaso com a memória latino-americana, bem como, a solidão historiográfica em que se encontram os que aqui habitam, se quer falar no presente trabalho. Dando seu enfoque de análise principal à cena do livro na qual os mortos do massacre dos trabalhadores em greve da *United Fruit Company* são levados no trem amarelo do progresso, ao seu derradeiro descarte.

A obra *Cien años de Soledad*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, publicada originalmente no ano de 1967, e que conduziu seu autor ao Prêmio Nobel de Literatura é um romance do gênero “Realismo Maravilhoso”, e retrata a história da família Buendía, bem como a do povoado por ela fundado, chamado Macondo. Porém, mesmo não se tratando de um estilo de escrita que possui compromisso com o real, o livro retrata em suas entrelinhas diversos aspectos da história colombiana, imersos em metáforas e simbolismos, mas sem deixar de cumprir seu papel social, como se verá no presente trabalho.

Para melhor analisar as questões referentes ao texto literário, o primeiro capítulo quer tratar acerca dos usos do texto literário como fonte histórica, perpassando pelas características de escrita latino-americanas, e pela maneira com que é possível analisar as características reais sociais locais a partir de suas escritas romanescas.

Cabe pensar, também, sobre a importância que o texto literário tem para a América Latina, em vistas de que a narrativa historiográfica oficial sempre ficara nas mãos dos colonizadores europeus, não dando espaço para uma visão mais democrática das memórias das populações aqui residentes. E da mesma maneira, considerar a importância do Realismo Maravilhoso, fazendo reflexões sobre sua terminologia e suas abrangências.

No segundo capítulo, contudo, se quer discutir sobre a trajetória de Gabriel García Márquez, sobre como sua vida e sua obra são inseparáveis, e a maneira que sua escrita impactou não somente a literatura local, mas a visão mundial das produções latino-americanas. Abordando questões biográficas do autor, perpassando por suas produções literárias anteriores, bem como, a trajetória de sua família em meio a inúmeras dificuldades encontradas durante a escrita de seu principal livro.

Podendo também, se fazer um breve comentário sobre o *Boom* Literário Latino-americano, seus participantes e adeptos, e as dificuldades encontradas para a edição e impressão dos livros. Assim também, abordando os autores brasileiros e suas obras que se constituem parte do estilo literário derivativo do movimento: O Realismo Maravilhoso.

Da mesma forma, se quer pensar as características da obra como Realismo Maravilhoso, e ao mesmo tempo, analisar como a História colombiana se mostra nas entrelinhas do romance, promovendo mais uma vez a aproximação entre o real e o descrito da literatura.

Sem esquecer de abordar os aspectos de *Cien años de soledad* que são característicos do Realismo Maravilhoso, comentando sobre como o enredo é constituído de maneira pouco convencional, tecendo uma espécie de brincadeira entre o real e o maravilhoso. Considerando também, todos os históricos problemas na política e na constituição da República colombiana, podendo perceber como todos os ciclos de violência se constituíram e de que forma o silêncio historiográfico se fez a partir do medo e da falta de acesso à memória popular.

E por fim, ao terceiro capítulo, após pensar sobre os inúmeros ciclos de violência latino-americanos, quer se pensar sobre as questões necropolíticas inerentes à sua história, desde a colonização até o tratamento violento para com sua própria população, bem como, a forma que o Estado colombiano enfraquecido proporcionou uma política que privilegiou os Estados Unidos e veio a sabotar seus próprios cidadãos.

Também, se quer analisar mais profundamente os relatos historiográficos sobre a greve dos trabalhadores bananeiros, suas reivindicações, suas condições de trabalho, e todos os seus desenrolares, considerando as atitudes tomadas pelo governo colombiano em defesa da *United Fruit Company*, de forma comparada ao descrito na obra de García Márquez, na qual se mostra diversas correlações com o real, descrevendo fidedignamente, por muitas páginas, todos os conflitos que realmente ocorreram.

Ainda, pretende-se refletir, como a cena do trem carregado de mortos do massacre dos trabalhadores bananeiros demonstra a solidão historiográfica latino-americana, citada inclusive por García Márquez ao receber seu prêmio Nobel de Literatura, pelo romance aqui analisado. Dessa forma, podendo perceber os outros inúmeros momentos em que, não só na Colômbia, se percebeu o descaso e a solidão das estirpes latino-americanas, que parecem ter sido condenadas a Cem anos de Solidão.

2 O REALISMO MARAVILHOSO: ENTRE A LITERATURA E A HISTORIOGRAFIA DA AMÉRICA LATINA

Até poucos anos atrás, a escrita da História estava restrita a uma tentativa mais factual, buscando uma aproximação maior com o que seria a verdade. Tornar a história um campo do conhecimento, fez com que estivesse atrelada a ideais positivistas e historicistas, partindo de um ponto de vista que a via como a narração “do que realmente ocorreu”. Nesse âmbito, a Escola Metódica estabeleceu seus rigores científicos, a partir de um conjunto de métodos, que ainda hoje são fundamentais para o estudo e escrita da história. Porém, estando intimamente ligados a uma tentativa de análise factual da história, esse grupo acaba por não abarcar alguns dos recém chegados novos aspectos inerentes à Modernidade, que se fariam relevantes para um maior aprofundamento no estudo e pesquisa na área. Entretanto, com o desenvolvimento, no século XX e o surgimento da Escola dos *Annales*, os objetos de pesquisa se ampliaram, e aspectos da cultura, a música, literatura e arte foram cada vez mais sendo considerados fontes legítimas de pesquisa.

Em vistas disso, se mostra importante pensar os movimentos literários na América Latina, pois através deles pode-se compreender de forma mais ampla e completa a vida, a sociedade, as culturas, costumes e mitos do povo aqui residente.

Pensando, portanto, que um dos mais relevantes gêneros literários, puramente latino-americano, chamado Realismo Maravilhoso¹, teria sido o que possuiria mais adeptos e obras literárias publicadas no século XX, responsável inclusive pelo *boom* literário da América Latina, se mostra importante pensar a obra principal que o fez ascender ao patamar de *best seller*, e permitiu ao gênero e à América Latina serem vistos e lidos pelo mundo: o célebre *Cien años de soledad*, do saudoso escritor colombiano Gabriel García Márquez.

2.1 HISTÓRIA: NOVAS FONTES

Durante muito tempo, o Ensino e a pesquisa em História foram extremamente restritos a uma tentativa de História factual, que pensava uma maneira objetiva e neutra de perceber o tempo e as vivências que o permeiam. “Nessa perspectiva, os textos literários, assim como

¹ Apesar de muito conhecido como “Realismo Mágico”, o uso do termo “Realismo Maravilhoso”, seus significados e abrangências serão discutidos posteriormente no texto.

outras fontes artísticas, não eram considerados documentos fidedignos para atestar a verdade histórica.” (FERREIRA, 2012, p. 63).

A partir do século XX, com amparo em diversos movimentos de Historiadores e estudos acerca de uma nova possibilidade de análise, diferentemente do estudo dos “grandes homens”, surge a História Cultural, que vem para ampliar os horizontes da pesquisa. Acontece, então, uma reviravolta nos rumos de estudos históricos, e diversas questões antes não consideradas relevantes e de certa forma “científicas”, ganham espaço no estudo da História: Literatura, História Oral, História Cultural e até mesmo a música, se tornaram objetos de pesquisa. (MANOEL, 2014)

Peter Burke (2010) vai falar desse processo de abertura para novos horizontes historiográficos como uma Revolução Francesa da Historiografia, que foi se consolidando no século XX, questionando e transformando o conceito de fonte, bem como, aumentando suas possibilidades. Essa “Revolução Historiográfica” foi liderada por Lucien Febvre e Marc Bloch, que no ano de 1929 deram início à *Annales d’Histoire Économique et Sociale*, revista que colocaria “[...] em pauta uma História-problema, orientada para a compreensão da complexidade e da totalidade das experiências humanas.” (FERREIRA, 2012, p. 63).

Marc Bloch, importante historiador, e que teve grande participação neste processo de busca por fontes menos tradicionais chega a dizer que “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2002 p.79) Esse pensamento de Bloch traz novos ares à pesquisa em História, e permite que temáticas novas comecem a ser exploradas. Segundo Ferreira (2012):

A Escola Metódica francesa encarregou-se de estabelecer os parâmetros metodológicos orientadores da crítica interna e externa das fontes com o objetivo de assegurar a autenticidade documental para reconstruir objetivamente o passado [...] Foi nessas circunstâncias que as fontes escritas, preferencialmente oficiais, ganharam o status de documentos verdadeiros para uma historiografia preocupada, sobretudo, com o encadeamento cronológico dos acontecimentos políticos nacionais. (FERREIRA, 2012, p. 63).

Dessa forma, campos antes não estudados pelos Historiadores tornam-se passíveis de análise pelos mesmos, como a arte: quer seja pintura, música, artes plásticas ou obras literárias. É através desses meios que se mostra possível a análise e pesquisa de vários aspectos da sociedade, envolvendo sua vida, cultura, realidade própria, do espaço que se está inserido, questões religiosas, econômicas, de organização social e até mesmo as sensibilidades de cada povo, suas mentalidades e, possivelmente, suas memórias. (MAGGIONI, 2017) Como é o caso da Literatura, que será o principal material no qual se debruçará o presente trabalho.

2.1.1 Literatura e História: possibilidades

Pesavento (1998), fala em seu livro “Discurso Histórico e Narrativa Literária” organizado com alguns outros estudiosos, acerca das diferenças encontradas entre literatura e História e sobre as maneiras que as mesmas convergem. Nesse sentido, mostra-se importante ressaltar que a forma que ambas são escritas, seus objetivos e públicos-alvo são diferentes, mas que as duas mostram sua relevância social.

Da mesma maneira, Leenhardt (1998) diz que o que há de convergente entre a Literatura e a História é o desejo de ambas em narrar fatos de forma verossímil, considerando que, a Historiografia teria o compromisso de, através de uma rigorosa metodologia científica, levar ao leitor o conteúdo mais próximo da verdade possível, enquanto a Literatura não teria esse dever.

Seguindo com as ideias de Leenhardt (1998) ainda pode-se perceber que tanto a História quanto a Literatura servem para a construção do cidadão como parte de uma determinada região, de um certo país ou mesmo inserido em uma realidade cultural. Depois da laicização dos Estados-nação, a dupla História e Literatura vêm para consolidar novas bases identitárias, permitindo uma maior coesão social baseada na ideia de uma unidade, de uma comunidade, que se mostrou através do traçar caricatural do rosto do ideal de Nação.

O fato de a Literatura não ter o compromisso com a realidade não a deixa menos relevante, em vistas de que ele serve amplamente para o conhecimento das mais diversas áreas de estudo, bem como para o reconhecimento de cada indivíduo consigo através de seu livro, sua cultura e os costumes descritos na obra, bem como também as sensibilidades nas entrelinhas do ser e da obra lida. Nesse sentido, é possível ver o livro de ficção como uma forma mimética da vida. (LEENHARDT, 1998)

Nesse sentido, o professor e historiador Antonio Celso Ferreira aponta que:

[...] nas últimas décadas os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo. (FERREIRA, 2012, p. 61).

E são a partir dessas leituras de mundo alheias à História oficial, que o presente trabalho quer se construir: do ponto de vista de um autor Latino-Americano, ganhador de um prêmio Nobel de Literatura, que encontrou em sua experiência, nas histórias de seu avô, no Realismo

Maravilhoso e nas feridas abertas da América Latina², seu lugar para abordar a solidão histórica e historiográfica de sua gente. É sobre o Realismo Maravilhoso, sobre América Latina, é sobre nós.

2.1.2 Retratos do real: entre a Historiografia e a Literatura

Como já mencionado anteriormente, existem diferenças e semelhanças entre Literatura e História. Enquanto o trabalho Historiográfico teria de se limitar ao mais próximo do que aconteceu, dentro de suas possibilidades, o texto literário não, ele pode explorar inclusive o que poderia ter acontecido, se utilizando da memória de forma diferente do historiador, pois seu estilo de texto não possui compromisso com a verdade. (BERND, 1998)

O texto historiográfico, segundo Bernd (1998), tendo esse compromisso com a veracidade dos fatos, está sujeito a ser questionado e testado, para comprovar ou não seu compromisso com a verdade possível de se obter. Já o texto literário, não precisa passar por esse tipo de análise, pelo seu estilo mais livre e criativo.

Apesar de serem dois tipos de texto que divergem entre si, e que possuem inúmeras discrepâncias, perceptíveis aos leitores, algumas vezes a narrativa histórica e a literária se confundem, em vistas de que muitos livros são tão próximos da realidade e de um momento histórico, narrando fatos do passado e até incorporando à história personagens reais, que a vida se confunde com a arte e a arte com a vida. É sobre essa aproximação do romance com a história, também, que se pretende pensar no presente trabalho.

Bernd (1998) comenta sobre a “convenção da ficcionalidade”, que seria a ideia implícita de que um livro, por ser de romance, subintender-se-ia que se tratasse de uma obra sem, necessariamente, compromisso com a realidade. Mas não ter compromisso com a realidade, não significa deixar de retratar o real, como é o caso da obra de Realismo Maravilhoso de Gabriel García Márquez, denominada *Cien años de soledad*.

Márquez chega dizer que um de seus maiores problemas com a escrita literária consiste em sua necessidade de encontrar um fato real para basear suas narrativas, o que é comprovado mediante todos os romances escritos por ele, sempre embasados em suas experiências e memórias, como veremos no próximo capítulo. (2011)

Pensando, nesse momento, nesse estilo literário chamado de “Realismo Maravilhoso”, Bernd (1998) comenta que essa relação entre literatura e História se mostra muito mais

² No presente trecho, faz-se referência a Eduardo Galeano, autor de “As veias abertas da América Latina”.

importante e necessária nos casos Brasileiro e Latino- Americano como um todo. Com sua historiografia inicial sendo cunhada pela mão de seu carrasco europeu, as nações, do que viria a compreender o território hoje denominado América Latina, tiveram seu ponto de vista desconsiderado, e sua voz calada. A História oficial foi forjada pela elite intelectual europeia e seus ideais.

Nesse sentido, que o presente trabalho quer pensar essa Solidão Historiográfica Latino-americana, que teve seu território invadido, sua cultura devastada, seus corpos violentados, e sua história esquecida.

E desse povo, que possui as feridas em comum, surge o estilo Literário denominado “Realismo Maravilhoso” que, segundo Bernd (1998), virá a ser construído como uma História não Oficial Latino-americana, buscando resgatar as memórias perdidas em muito mais de “Cem anos” de mentalidade colonial, e dar voz a quem tanto tempo teve de se calar.

Bernd (1998), segue comentando que um autor que opta por escrever um texto caracterizado como Realismo Maravilhoso está ciente dessa relação de poder que sobrepôs (e sobrepõe) a História Latino-americana. Quem escolhe esse estilo literário, abre portas para a História não oficializada entrar, e se fazer presente em meio a tanta solidão historiográfica desse povo. Citando a autora:

Adotando a perspectiva do maravilhoso, o autor reverte o esquema tradicional que só dava crédito aos saberes veiculados através da palavra escrita, revalorizando os relatos orais que trazem em seu bojo a sabedoria, o conhecimento da vida e a outra face da história dos oprimidos. (BERND, 1998, P. 131)

A autora ainda continua pensando na importância de trazer à modalidade escrita esses relatos encontrados nas memórias populares, considerando que, em regimes de exceção, como as frequentes ditaduras Latino-americanas, se torna de suma importância obter e conservar os relatos populares de forma a muitas vezes não ser perceptível no Maravilhoso o Realismo nele contido. E é sobre essas questões que a seguir pretende-se debater.

2.2 MOVIMENTOS LITERÁRIOS NA AMÉRICA LATINA

Nos territórios que viriam a constituir a América Latina, segundo Myriam Ávila (1999), a escrita teria sido inaugurada primeiramente por Colombo, que ironicamente nem sabia que estava em um novo território, e por Pero Vaz de Caminha, no caso Brasileiro mais especificamente. E essas narrativas acerca da América Latina foram sendo forjadas e

sobrepostas ao longo dos anos de forma que a escrita *sobre* esse território passaria a ser considerada a *história oficial* do mesmo.

Além de ter sua história contada por terceiros, até mesmo o nome vinculado a este território se vê cada vez mais usurpado. Chiampi (2008) e Ávila (1999) vão concordar que o termo América, inicialmente utilizado para nomear os territórios mais ao Centro e ao Sul do continente, vai aos poucos sendo subtraído pelos estadunidenses, que ao unificar suas 13 Colônias vão fazer uso do termo para si próprios, deixando-nos sem nossa Historiografia, sem nossa voz e ainda sem nosso nome.

Segundo Myriam Ávila “A produção literária latino-americana virá mimetizar, parodiar, interiorizar, interrogar e estranhar” os relatos iniciais dos viajantes europeus que descreveram as terras do “novo mundo”, bem como repensar o que foi dito e construído acerca da América Latina.

E com a crise desses relatos de viagens e experiências novas e exóticas do novo mundo, da mesma forma prosseguirá a produção literária Latino-americana, permanecendo errante e solitária, com escritores viajantes entre temas e estilos, mas nem por isso menos relevante para repensar seu território, seu povo e sua cultura. (ÁVILA, 1999)

Cabe citar também, o desenvolvimento de uma literatura feminista, desenvolvida do seio da exclusão social e cultural, muitas vezes não considerada relevante pela crítica, e até mesmo tendo obras sendo apropriadas por autores homens, sem nenhum consentimento. (ALMEIDA, 1999)

Mas o que de fato deve-se considerar da produção literária latino-americana é a vontade, a necessidade, de uma escrita crítica, que quer repensar e rever os conceitos atribuídos a si, que quer narrativas próprias, dos mais diversos atores sociais. A Literatura Latino-americana do século XX e XXI quer, influenciada também pelos movimentos de arte moderna, enfim, sua descolonização.

Gabriel dos Santos e Nerynei Bellini (2018), comentam que um dos momentos chave do século XX, a partir do qual a literatura latino-americana ganha fôlego, é em meados dos anos 1940. Com a Europa quase na íntegra em Guerra, surge um espaço para uma nova literatura, lugar este que antes era suprido pelos países que pertenciam ao grupo. Essa lacuna, aberta pela falta dos livros e autores antes comprados e lidos, acaba aos poucos movimentando os escritores, as revistas e jornais latino-americanos, para enfim fazerem um movimento importante rumo a novas formas de escrever e pensar o mundo.

Por volta dos anos de 1940, é possível perceber uma grande tentativa de repetir os parâmetros dos romances europeus e estadunidenses. Já nos 1950, as obras vão adquirindo

traços latino-americanos, para enfim, nos anos de 1960 inaugurarem um novo estilo literário, brotado das raízes da América Latina, inovando completamente o mercado local e internacional de obras literárias. (SANTOS, BELLINI, 2018)

Porém, cabe ressaltar que apesar de a literatura local não ser globalizada, não significa que a mesma não existisse ou fosse de menor importância. Assim, existiam diversos autores e obras muito relevantes para o campo da literatura, e que sem dúvidas seriam ótimos objetos de estudo para outros trabalhos historiográficos, que fizeram suas produções literárias antes mesmo do século XX, momento que seria um grande divisor de águas para a literatura latino-americana.

Momento importante a ser citado também, é o que ficou conhecido como *boom* literário Latino-americano, que se deu a partir do ano de 1962, tendo seu início no Congresso de Intelectuais de Concepción, que ocorreu no Chile, momento que seria o ponto de partida desse movimento da literatura. Esse congresso, cabe ressaltar, que não incluiu nomes como Mario Vargas Llosa, e até mesmo Gabriel García Márquez, que já havia publicado livros, mas não foi convidado a participar da reunião. (WAQUIL, 2014)

Nesse mesmo ano de 1962, foram ainda publicadas 8 obras literárias em países de língua espanhola na América, representando uma agitação entre os autores latino-americanos para a produção de novos livros e ensaios. (WAQUIL, 2014)

Cabe ressaltar, também, que até o ano que ocorreu o *boom* literário, a publicação das obras era muito difícil. Em muitos países da América Latina nem existiam editoras, e o trabalho de edição e venda era por conta própria de seu autor, que muitas vezes tinha auxílio de sua família e amigos para sair às ruas tentando vender os exemplares, em contraponto com autores estrangeiros de obras traduzidas que caíam mais facilmente no gosto do povo. (WAQUIL, 2014)

Nesse momento histórico, um fator que viria a corroborar para uma maior união dos autores da América Latina, seria a Revolução Cubana. Vários autores aderiram politicamente à realização Cubana e até se apelidaram de “máfia”. Gabriel García Márquez vai falar que enfim agora, os autores, todos juntos no mesmo pensamento, estavam escrevendo e criando obras repensando suas questões, pela primeira vez sem medo. (WAQUIL, 2014)

Cabe ressaltar, porém, que o *boom* literário latino-americano não surgiria do nada. Graças ao desenvolvimento de obras e escritores anteriores que já esboçavam características do Realismo Maravilhoso em suas obras, anos antes dos acima citados. É importante enfatizar que, apesar de talvez os autores participantes desse movimento literário quererem inaugurar um estilo novo e revolucionário, já tinham existido outras produções anteriores, que se constituíram

como bons pilares para o desenvolver do novo modo de escrita. E, de forma alguma seria correto esquecer das referências literárias primeiras, as que justamente foram invisibilizadas pelo tardio brilho da literatura latino-americana, que viria a reluzir com o *Boom* literário, porém sem olhar para trás. Portanto, é um tanto questionável a postura dos autores do movimento, que disseram trazer algo inovador, e inaugural do ponto de vista romanesco local, mesmo tendo a consciência de produções de grande relevância anteriores, como no caso de Mário de Andrade, com *Macunaíma*.

Um nome importante a se citar é o de uma agente literária catalã que foi fundamental para grandes nomes da literatura latino-americana, chamada Carmen Ballcels. Ela foi uma exímia negociadora incansável, que auxiliou autores como García Márquez, Vargas Llosa e Pablo Neruda nas edições e publicações de suas obras literárias. (WAQUIL, 2014)

Mas o momento ápice do *boom* literário vai ocorrer em 1967, com a publicação do romance “*Cien años de soledad*”, de Gabriel García Márquez. A partir desse momento, o livro se torna sucesso em vendas e um *best-seller* em território estadunidense, que tanto repulsava obras estrangeiras, ainda mais latino-americanas. O livro rodou o mundo, e foi traduzido para diversos idiomas, popularizando e expandindo a literatura local, bem como sua realidade, sua cultura, suas feridas. (WAQUIL, 2014)

2.2.1 Realismo Maravilhoso e a América Latina

Como dito anteriormente, o Realismo Maravilhoso é derivado do Realismo e do Fantástico, e tem sua ascensão no século XX, se mostrando de grande importância para o desenvolvimento de uma literatura local, que pode mostrar a realidade e os pontos de vista dos que aqui residem, como veremos adiante.

Desde os primórdios da Colonização, a América Latina e sua gente tem sido deixada às margens, quer na sociedade, quer na economia, quer seja na Historiografia. Sem sua história contada, permaneceram quase que invisíveis por muitos anos, até o momento em que, alguns autores da Colômbia, do México, Peru, Cuba e Guatemala acabaram fazendo um movimento de ruptura, que influenciou na literatura e que fez surgir novas questões à História. (DACANAL, 1970)

O chamado “Novo Mundo”, desde seus primórdios, causou curiosidade pelos mais diversos estudiosos, e foi retratado por eles de inúmeras maneiras. Pensando os selvagens, a flora e a fauna desconhecidas, e as descrevendo em livros e manuais, que chegaram muitas

vezes a serem absurdos, considerando que, pelo tamanho encantamento aqui encontrado, descreviam muitas coisas de forma muito errônea e até fantasiosa. (CHIAMPI, 2008)

E essas narrativas que foram se constituindo sobre os territórios que viriam a ser a América Latina foram, aos poucos, se tornando o que se considerou como saber oficial acerca desse novo território, que segundo sua Historiografia, teria tido seu início com a chegada da “civilização” e da religião, trazidas pelos europeus.

Com a História oficial sendo contada, desde os primórdios pelos brancos e opressores tendo início na colonização, e perdurando até os dias de hoje, se viu a necessidade de enfim poder contar suas histórias, suas versões, suas vivências, seu cotidiano, seus costumes e seu modo de olhar o mundo. Estando a História nas mãos do antigo colonizador, restou à América Latina um caminho diferente: A Literatura. (ÁVILA, 1999)

Pensando acerca da forma como a América Latina é vista e descrita por autores estrangeiros, Gabriel García Márquez disse que: “É compreensível que insistam em nos medir com a mesma vara com que se medem, sem recordar que os estragos da vida não são iguais para todos, e que a busca da identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como foi para eles.” E complementa: “A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários.” (MÁRQUEZ, 2011, p. 26)

Como forma alternativa de contar sua história, a escrita literária se mostrou de grande relevância para os latino-americanos, que puderam enfim, escrever suas histórias e memórias. E a maneira de retratar suas vidas e seu passado se deu através do Maravilhoso. Diferentemente da maravilha vista pelos olhos dos europeus, o Realismo Maravilhoso partiu do ponto de vista local sobre si e o seu mundo, e pôde se espalhar desde os confins da antiga colônia até às metrópoles.

E, através dessa ruptura de estilos de escrita, que o Realismo Maravilhoso cria, é possível ultrapassar, além de fronteiras intelectuais, limitações territoriais, permitindo que a antiga metrópole leia a história da que fora colônia, escrita, enfim, a próprio punho. Diz Dacanal (1970):

[...] o fenômeno de invasão da Europa e dos Estados Unidos pelo romance latino-americano é o contraponto evidente de um fenômeno sociológico: o Terceiro Mundo começa a participar da História, em todos os sentidos. Talvez, algum dia, ele faça a História [...] (DACANAL, 1970. P. 27)

Inclusive, esse tipo de literatura contida no Realismo Maravilhoso, vai permitir que em tempos cruéis de Ditaduras Militares, comuns na América Latina, se possa continuar a contar

sua história, e ao mesmo tempo, burlar a censura. O Realismo Maravilhoso abre as veias da América Latina ao mundo, muitas vezes de forma figurada, outras tantas vezes gerando dúvidas acerca de seus significados. Mas sempre chegando com a cara e a coragem que foram necessárias para o fomento de um estilo literário com as feições da América Latina.

Como afirma Maria Esther Maciel (1999):

Mais do que nunca cabe à América Latina assumir-se como um *locus de enunciação alternativo* (colonial, pós-colonial ou periférico) que não está situado fora do chamado centro, mas num *outro centro* em confluência com vários outros. (p. 11)

Compreender que se é dono de sua própria História e a escrever com suas mãos foi um fenômeno recente na América Latina, mas se mostra muito relevante para, enfim, repensar suas feridas, seus massacres, e sua identidade. Tomando sua verdade em suas próprias mãos, a América Latina pode abandonar seus traumas latentes e encontrar seu lugar no mundo, da mesma maneira que o Brasil poderia encontrar junto à ela.

2.2.2 O Brasil Maravilhoso

Vizinhos muito próximos, o Brasil e os outros países pertencentes à América Latina não possuem somente as fronteiras em comum, mas muito da cultura, dos costumes, do tronco linguístico, e sobretudo, o trauma da colonização. Porém, muitas vezes, o Brasil se mostra, frente aos demais países pertencentes ao grupo, como um vizinho um tanto esnobe e hipócrita, tentando se desvencilhar da imagem latino-americana, se esquecendo que o sangue que foi derramado em seu território é o mesmo que adentrou no chão vizinho, sangue indígena, sangue negro, sangue que faz ainda pulsar o coração da América Latina.

Chiampi (2008) afirma que a necessidade de uma escrita romanesca maravilhosa se mostra bastante intensa no hispano-americanismo, mas não tanto no Brasil. Já Sandra Jatahy Pesavento (1998) problematizou essa não identificação própria dos brasileiros como parte da América Latina. Apesar de se encontrar geograficamente perto, de possuir uma matriz linguística não muito distante, e de portar a ferida da colonização em comum, os brasileiros não se sentem pertencentes à América Latina, ou não gostam de o ser, por se verem, de certa forma “melhores”. O Brasil acabaria sendo uma Fernanda del Carpio, de *Cien años de soledad*, para a América Latina: pertence à mesma estirpe, porém se acha superior, defecando em seu suposto penico de ouro, querendo demonstrar ao mundo sua diferença, só ressaltando ainda mais sua miserabilidade.

Mas é preciso ressaltar, que no caso brasileiro, por exemplo, o Rio Grande do Sul se sentiria muito mais próximo aos seus vizinhos argentinos do que aos distantes conterrâneos nordestinos, em vistas de sua antiga proximidade platina. (PESAVENTO, 1998). Mostrando assim, que o território e as formas de pensar a América Latina não são fechadas e uniformes, mas passíveis de abertura.

Porém, mesmo com alguns movimentos contrários à identificação com a América Latina, há autores e obras do Realismo Maravilhoso em território nacional. Alguns exemplos são, de acordo com Dacanal (1970): Guimarães Rosa, com “Grande Sertão: Veredas”; José Cândido de Carvalho, com “O Coronel e o Lobisomem”; José Lins do Rêgo, com “Fogo Morto” e “Menino de Engenho”; e Moacyr Scliar com inúmeros contos, segundo Maura Pelin Bruschi (2001)

Outro autor que teria se aproximado da tendência do Realismo Maravilhosos por meio de obras infanto-juvenis, seria Monteiro Lobato. Preocupado sempre em retratar os mitos e lendas nacionais, como o Saci, a Cuca, a Iara; sem deixar de tratar sobre as mazelas sociais do país a partir de sua ótica, Lobato o fazia através de suas histórias e personagens, como a Emília, a boneca de retalhos que, possuindo vida, falava tudo o que lhe aprazia. (BELLINI, 2015)

Portanto, tanto em literatura adulta quanto na infantil, o maravilhoso encanta, fascina e questiona. E nosso país, que quer goste ou não, faz parte de uma realidade histórica e cultural muito parecida com os outros países da América Latina. A literatura, sabe-se que é um meio importante pelo qual se pode conhecer a cultura, os costumes, a sociedade, a realidade e a história de um povo. O Brasil, como pertencente à América Latina não seria diferente. O Maravilhoso também está em nós.

2.3 ENTRE O MÁGICO E O MARAVILHOSO, QUAL É O REALISMO?

O estilo literário que ficou conhecido como “Realismo Maravilhoso” tem seu início em meados do século XX, influenciado pelos movimentos de arte moderna, como o surrealismo, o cubismo e o dadaísmo.

Segundo a professora Irlemar Chiampi (2008), a primeira publicação de uma obra de Realismo Maravilhoso teria sido feita pelo argentino Jorge Luis Borges, em 1935, com a “História universal de la infamia”, sendo que o termo já havia sido citado anos antes, na Europa, mas ainda não possuía adeptos do gênero.

Porém, esse movimento de ruptura com o tradicional que foi resultar no Realismo Maravilhoso, não foi profundamente analisado pela crítica, mesmo quase 20 anos depois de sua

primeira publicação no gênero. Chiampi ressalta que “não se discutia paralelamente a sua pertinência ou procedência ou ainda o que seria mais fecundo, a reformulação e complementação das sugestões críticas anteriores” (2008, p. 25).

Porém, nesse período, houveram movimentos de autores, como Alejo Carpentier, que em 1948, publicou no Jornal *El Nacional* de Caracas, um manifesto em favor do que chamou de “teoria do real maravilhoso americano”, conclamando aos autores da América Latina a fazerem parte do novo movimento de escrita local que vinha sendo desenvolvido. É importante ressaltar que, possivelmente, Carpentier teria se tornado adepto ao novo estilo literário depois de decepções com sua experiência com o Surrealismo Francês (CHIAMPI, 2008, p. 32)

Segundo Figueira (2000), a partir desses novos elementos que emergem, primeiramente, na Europa, e nos quais a América Latina se inspirará, é que se fomenta um novo estilo literário, que visa mostrar a cultura, os costumes, as crenças e o povo latino-americanos, e que acaba indo além dos limites do palpável, adentrando no místico, no maravilhoso. Segundo Adoun (1979):

A arte [...] já não tem a comodidade daquele que tolera ou aceita a mesma realidade que quer transformar, mas se rebela contra ela [...], contra a rigidez da sua lógica, e concebe a criação como uma realidade em si mesma onde vigoram outras leis, outras noções de tempo, de duração, de espaço, de movimento. (ADOUN, 1979, p. 209 apud FIGUEIRA 2000)

Depois de transcender os limites do realismo, representando além da história do povo da América Latina, perpassando por sua cultura, seus mitos, suas crenças, suas memórias e suas lendas, faz-se necessário cunhar um novo nome, que complete de melhor maneira o significado desse esforço construtivo de um novo estilo de escrita. Por se tratar de um estilo que pensa a realidade e acerca do real, permanece como realismo. Já por sua forma mais mística e mais imaginativa, pensa-se em “mágico” e “maravilhoso”.

Mas, o estilo literário do qual se fala, sendo desenvolvido como um contraponto ao Realismo- Naturalismo, ao empregar a palavra “maravilhoso” em seu nome, dá um ar mais humano ao estilo, em vistas de que “a palavra *maravilha* vem do latim *mirabilia*, com o sentido de coisas ‘admiráveis’, belas ou feias, boas ou más, em contraposição à *naturalia*, coisas comuns.” (FIGUEIRA, 2000, p. 24) Por um lado, portanto, “Maravilhoso” preserva algo de humano, em vistas de que é possível de se existir, de alguma maneira, e ao mesmo tempo dele se distancia, já que pode ser algo de cunho sobrenatural.

Enquanto alguns autores preferem o termo “Realismo Mágico”, outros, como a professora Irlemar Chiampi (2008) defendem o termo “Realismo Maravilhoso”. A segunda expressão, de acordo com a autora, seria mais adequada, em vistas de que o termo Maravilhoso já estaria

inserido no léxico, na literatura e na História de maneira mais significativa, permitindo uma melhor adequação com o estilo literário citado. O Mágico seria mais aplicado somente a questões de ordem religiosa e sobrenatural, coisa que se pode englobar do campo semântico de “Maravilhoso”. Portanto, no presente trabalho, será feito o uso do termo “Realismo Maravilhoso”, compreendendo, através das explicações de Chiampi, que seria o mais adequado.

É importante, também, diferenciar o *fantástico* do *maravilhoso*. Apesar de haverem muitas semelhanças entre os dois estilos, os mesmos se diferenciam em partes fundamentais. Enquanto o fantástico busca causar medo, terror, ansiedade, admiração através de sua narrativa fora do comum, o maravilhoso percebe e descreve os acontecimentos incomuns como parte do real, sem causar estranhamento (CHIAMPI, 2008). Um belo exemplo disso é quando, no livro “*Cien años de soledad*”, Remedios- a bela sobe aos céus, e a maior preocupação da família tenha sido ela ter levado lençóis junto dela.

E a partir desse estudo dos termos que cercam o Realismo Maravilhoso, que se pode conceituar o estilo, pois o mesmo se trata de coisas humanas e cotidianas, e ao mesmo tempo maravilhosas, que seriam fora do comum, mas que não necessariamente causam espanto, pois fariam parte do real da história do livro, como podemos ver em muitos trechos de *Cien años de soledad* Segundo Gabriel García Márquez, em um discurso feito em Estocolmo, na Suécia, que os latino-americanos têm de recorrer muito pouco à imaginação para sua escrita, já que sua realidade é tão sofrida, e sua sobrevivência tão desafiadora que chegam a desacreditar que suas vidas podem ser reais. (2011)

3. GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ E A COLÔMBIA: ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA

No que diz respeito a Gabriel García Márquez, sua vida e sua obra são impossíveis de se desvencilhar, em vistas de sua proximidade com o enredo de seu livro, já que o mesmo é baseado em suas próprias vivências e em memórias contadas por seus avós.

Pensando acerca de sua relação com seu país de origem, a Colômbia, o autor em sua obra, tem a preocupação com a verossimilhança entre a história, as memórias e a literatura. Perpassando em seu livro por diversos temas sensíveis referentes ao seu país, com suas dores, suas violências e sua solidão, ele faz uma interpretação poética dos fatos, com cada acontecimento narrado tendo compromisso com fazer referência ao real.

Da mesma maneira, nas entrelinhas da obra, é possível ver a Colômbia, com todos seus desafios, com toda a sua instabilidade política, com todos seus ciclos de violência sem fim, com toda a sua necessidade de expressar a sua memória em meio ao caos.

3.1 VIDA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Gabriel José García Márquez, carinhosamente chamado de Gabo, foi um importante autor Latino-americano, que nasceu na pequena cidade de Aracataca, na Colômbia, no ano de 1927. Cidade esta, que nos anos anteriores havia tido um relativo progresso, ocasionado pela presença da companhia estadunidense *United Fruit Company*, porém, no momento em que nascia Márquez, a pequena cidade já se encontrava em decadência, anos após ao massacre de trabalhadores bananeiros em greve, ocorrido em 1928, e posterior também à retirada da companhia do local. (CASTOR, 2011)

García Márquez foi o primeiro filho de uma família muito numerosa, e acabou sendo criado por seus avós maternos, o coronel Nicolás Márquez e Tranquilina Iguarán. Em sua casa também viviam algumas tias suas, que não haviam se casado, garantindo tamanho reboiço na casa, que o mesmo teria considerado fundamental para o desenvolvimento de sua criatividade para escrita. Mas, a figura mais relevante para Gabo sempre foi seu avô, um coronel que havia lutado na “Guerra dos mil dias”, e que deixou muitas saudades a seu neto quando acabou falecendo de câncer, quando Gabriel tinha oito anos. (CASTOR, 2011)

Depois da morte do avô, García Márquez morou por mais algum tempo com sua avó, até que, pelo avanço da idade, ela acabasse ficando cega e com diversos problemas de saúde, o que o fez ir à casa de seus pais, aos 11 anos. Com seus pais, passou por tempos difíceis, em vistas

de que os mesmos viviam mudando-se de cidade, abrindo e fechando farmácias, sem obter muito sucesso. Então, aos 14 anos foi mandado para viver com um primo seu, e nesse período estudou em um colégio jesuíta chamado “*San José*”, onde começou a ler poemas. (CASTOR, 2011)

Nessa época, também, Gabriel García Márquez teve seu primeiro contato com prostitutas, que viriam a ser figuras muito importantes em suas obras, como Pilar Ternera, personagem fundamental no livro *Cien años de soledad*, que foi a iniciadora sexual de grande parte dos Buendía e inclusive cedeu sua própria cama para os encontros amorosos de toda a família.

Aos 17 anos, foi para Zipaquirá, estudar no “Liceo Nacional”. Não gostando da cidade e se sentindo extremamente melancólico com ela, seu único refúgio eram os livros. Nesse período escreveu, também, seus primeiros sonetos, sob o pseudônimo de Javier Garcés. (CASTOR, 2011)

Os pais de Gabo se encontravam em Sucre, nessa época, e gozavam de uma certa estabilidade financeira, após tantos anos de dificuldade, e o mesmo só os visitava nas férias. Em uma dessas visitas conheceu Mercedes Barcha, que anos depois viria a ser sua esposa. (CASTOR, 2011)

No ano de 1947, García Márquez iniciou o curso de Direito na Universidade Nacional de Bogotá, curso que acabou abandonando sem finalizar. Na época de ingresso na faculdade escreveu seu primeiro conto, que enviou ao jornal *El espectador*, que prontamente o publicou. Desde então começou sua carreira no jornalismo, trabalhando em diversos lugares, e passando por inúmeras dificuldades financeiras. (CASTOR, 2011)

Passando a maior parte de sua vida sendo jornalista, Gabo sempre muito carinho pela profissão, muitas vezes criticando quem a pensava desvinculada da escrita, em vistas de que ambas as coisas estariam totalmente interligadas do seu ponto de vista. Mas sempre, considerando o jornalismo como um grande aliado de seu aprendizado, bem como, o meio mais auspicioso de se fazer boas amizades.

Como se verá mais adiante, as inúmeras ditaduras militares na América Latina, vão transformar muito a vida e a realidade dos que aqui habitavam, e Gabriel García Márquez é, com certeza, um exemplo disso. Para reprimir, em 1948 uma enorme rebelião nas ruas de Bogotá, devido a morte de um líder do Partido Liberal, começa, na Colômbia, um período sombrio, que perdurou por 18 anos e durante o qual morreram 300.000 pessoas: a Ditadura Militar. Durante a rebelião, a pensão na qual morava foi incendiada, e a Universidade de Bogotá fechada, fazendo-o regressar para sua família. Na noite de sua volta, Gabo ainda foi preso, devido ao descumprimento do toque de recolher que estava em vigência. (CASTOR, 2011)

Em Cartagena das Índias, retomou o curso de direito, e começou a trabalhar em um pequeno e recente jornal, o *El Universal*, que pagava tão pouco que lhe bastava para apenas uma semana do mês, fazendo com que o restante do tempo não tivesse muito o que comer e nem onde dormir. (CASTOR, 2011)

Em um período de forte pneumonia, Gabo retornou à casa de seus pais, onde escreveu o livro *La casa*, que seria posteriormente o cerne de seu livro *Cien años de soledad*. Cabe constar que, algum tempo depois, sua família atravessara uma crise financeira como nunca antes, e todos os membros da mesma tiveram de trabalhar para ajudar. Gabriel García Márquez nesse período teve dois empregos, trabalhando no censo, e retornando ao trabalho no jornal, primeiramente no *El Universal*, e depois ao *El Heraldito*. (CASTOR, 2011)

Gabriel García Márquez escreveu *La hojarasca*, e tentou fazer a publicação com uma editora de Buenos Aires em 1952, que disse não ter interesse em sua obra. Continuou mudando de jornal para jornal, e depois de denunciar um sistema de corrupção, através de uma entrevista com o único sobrevivente de um naufrágio de um navio de guerra, começou a sofrer ameaças de morte pelo governo ditatorial de seu país. Tendo tido a oportunidade de ser correspondente do jornal em que trabalhava, na Europa, Márquez viajou à Espanha, onde permaneceu cerca de 3 anos. (CASTOR, 2011)

Estando na Europa, em 1956 Gabo deixa de receber seu pagamento do Jornal *El Espectador*, devido ao fechamento do mesmo pela ditadura militar. Começou então a trabalhar para o *El independiente*, da Colômbia, porém, cerca de dois meses depois ele também foi fechado pelo governo. Nesse período, também teve início a Guerra de Independência da Argélia, e segundo Castor (2011), diversas vezes García Márquez tinha passado a noite preso, em vista de que os policiais parisienses o confundiam com argelino.

Em meio a inúmeras tentativas sem sucesso de escrever romances e novelas, Gabo enfrenta a pobreza, o frio e a fome. O cenário iria piorar quando em meio a um romance com a atriz Tachia Quintana a mesma engravidaria. Sem condições de ter o filho eles optam por abortar, e depois desse episódio seu relacionamento chegaria ao fim. Desse triste romance, Gabo escreveria “*El coronel no tiene quien le escriba*”. (CASTOR, 2011)

Em 1957, já com 30 anos, Gabriel García Márquez faz uma viagem por países europeus socialistas, como Polônia, URSS e Hungria. E de volta a Paris, escreve vários artigos sobre seus dias do outro lado da cortina de ferro. (CASTOR, 2011)

Sob a proposta de trabalhar com seu amigo Plinio Apuleyo Mendonza, Gabo vai à Venezuela, a fim de escrever para uma revista de publicação semanal chamada “*Momento*”.

Neste período, se aprofundando acerca dos inúmeros tiranos latino-americanos, e acerca de suas histórias começa a criar o romance “*El otoño del patriarca*”.

Ainda em 1958, García Márquez volta à Colômbia, e se casa com Mercedes Barcha, que tinha ficado lhe esperando por quase 3 anos. Mercedes fora sua fiel companheira e amiga até o fim de sua vida. Ambos tiveram filhos juntos, e passaram por inúmeras dificuldades, mas nada os separou. Cabe constar, também, que em *Cien años de soledad* vai existir uma personagem, coadjuvante, chamada Mercedes, que coincidentemente será namorada de um tal Gabriel, descendente de uma família de sobrenome Márquez.

Em 1959, Cuba está efervescente. Fidel Castro e seus companheiros tomam a capital Havana, e diversos repórteres do mundo todo vão ao país para o julgamento público dos aliados a Fulgêncio Batista. Dentre essas equipes de jornalistas se encontrava García Márquez. Equipes estas, contudo, que desgostavam da forma como muitos dos repórteres estadunidenses descreviam Cuba e sua Revolução. Nesse contexto, foi criado o primeiro jornal Latino-americano, que se chamaria *Prensa Latina*, do qual Gabo faria parte, trabalhando em uma sede que abriria na Colômbia. (CASTOR, 2011)

Já em 1960, Gabo é enviado a Nova York a fim de ser representante do jornal na cidade. Segundo o próprio Gabriel García Márquez, os cinco meses que ele e sua família passaram lá teriam sido os mais tensos que eles viveram. Após diversas mudanças de direção da *Prensa Latina*, Gabriel opta por pedir sua demissão. Não possuindo dinheiro para retornar à Colômbia de avião, ele, sua esposa Mercedes e seu filho Rodrigo, de apenas 1 ano, se dirigem ao México por terra, onde encontraram um amigo que os ajudou. (CASTOR, 2011)

No México, Gabo viveu por muitos anos com sua família, e chega a dizer que “não é, pois, uma segunda pátria, e sim outra pátria diferente, que me foi dada sem condições e sem disputar com minha própria pátria o amor e a fidelidade que professo, e com a nostalgia que me reclama sem trégua.” (MÁRQUEZ, 2011, p. 20)

No México se manteve escrevendo para revistas e tentando publicar seus livros, porém, depois de alguns anos sem conseguir escrever nada que lhe interessava, em meio a uma viagem à Acapulco com sua família, decide retornar para casa, a fim de escrever o livro mais importante de sua vida: *Cien años de soledad*.

3.1.1 A escrita e publicação de *Cien años de soledad*

Nesse período de escrita, que durou 1 ano, Gabo e sua família passaram por inúmeras dificuldades financeiras. Mercedes, sua esposa, teve um papel fundamental na escrita do

romance, pois abriu mão de tudo o que tinha para auxiliar o marido. O casal, mesmo com dois filhos, sobrevive um tempo com um dinheiro recebido de trabalhos anteriores, e ao chegar este ao seu fim, precisam levar ao penhor diversos objetos da casa, incluindo rádio, televisão e até mesmo geladeira, para poderem se manter por mais alguns meses até o livro ficar pronto. (CASTOR, 2011, p. 10)

García Márquez chega a dizer, acerca das dificuldades que enfrentaram que “Um outro livro, que poderia ser até melhor, seria contar como sobrevivemos, Mercedes e eu, com nossos dois filhos, durante aquele tempo em que não ganhei um único centavo de lugar nenhum.” (MÁRQUEZ 2011, p. 114)

Gabo e Mercedes, chegando ao fim do livro já em agosto de 1966, vão até uma agência dos correios da Cidade do México, afim de mandá-lo a Buenos Aires. O manuscrito, pesando mais do que eles poderiam pagar, é dividido em dois, enviando tanto quanto puderam pagar. Diz Gabriel García Márquez (2011) que ainda por um descuido, acabam enviando a segunda parte do livro, e ao chegar às mãos de Paco Porrúa, da editora Sudamericana, o mesmo fica tão curioso pela obra completa que manda o dinheiro suficiente para enviarem-lhe a outra parte do romance.

A partir desse momento, muda completamente a vida de Gabriel García Márquez e com certeza também a história da literatura latino-americana. Seus romances anteriores não haviam contado, cada um, com mais de mil volumes vendidos, sendo que *Cien años de soledad*, com sua tiragem inicial de 8 mil cópias, se esgotou em apenas um mês. Não é por menos que o sucesso do livro foi tão grande, já que foi traduzido para mais de 40 idiomas, contando com nada mais nada menos do que 30 milhões de exemplares vendidos. (CASTOR, 2011)

3.1.2 Obras publicadas

Gabriel García Márquez, além de inúmeros artigos para jornais e revistas, como também da escrita de contos, publicou diversos livros, estando entre eles: *A revoada*, 1955; *Relato de um naufrago*, 1955; *Ninguém escreve ao coronel*, 1961; *Os funerais da mamãe grande*, 1962; *Má hora: veneno da madrugada*, 1962; *A incrível e triste história de Cândida Erêndida e sua avó desalmada*, 1972; *O outono do patriarca*, 1975; *Crônica de uma morte anunciada*, 1981 e *Do amor e outros demônios*, de 1994.

E também a obra riquíssima, inesquecível e objeto do presente trabalho: *Cien años de soledad*, publicada pela primeira vez em 1967, que chega a ser *best-seller* nos Estados Unidos, e recebe, em 1982 o prêmio Nobel de Literatura, em Estocolmo, na Suécia. García Márquez,

rompendo estigmas, vai receber seu prêmio vestido com um traje característico caribenho, o *liquiqui*, quebrando as normas da rigorosa vestimenta formal. Neste dia, faz um importante discurso, acerca da Solidão da América Latina, tema sobre o qual o presente trabalho também quer se debruçar ao longo de sua execução.

3.2 CIEN AÑOS DE SOLEDAD: ONDE A COLÔMBIA E GARCÍA MÁRQUEZ SE ENCONTRAM

O livro da vida de Gabriel García Márquez não foi pensado da noite para o dia, mas muito pelo contrário, diz o autor, que a história estava há quase 20 anos rondando sua mente, e que, como mencionado anteriormente, o estalo criativo do livro se deu em uma viagem à Acapulco com a família. (MÁRQUEZ, 2011)

A ideia para sua obra viria de diversos aspectos de sua própria vida: a casa de seus pais, a de seus avós, a exploração da *United Fruit Company*, suas relações pessoais, seu avô que havia sido coronel, suas tias solteironas, as prostitutas que conheceu, e inclusive sua esposa. Dessa forma, mostra-se impossível desvincular a obra de Gabo de sua vida pessoal.

Santos e Bellini (2018) comentam acerca de dois aspectos muito presentes em *Cien años de soledad*: a proximidade com seu avô, coronel, que atuou na Guerra dos Mil dias, ³suas narrativas da guerra, e seu racionalismo; em contraponto com Tranquilina Iguarán, avó de Gabo, que era muito supersticiosa, com muitas crenças e contos um tanto fantásticos. Da mescla entre o real do avô, com o maravilhoso da avó, o autor poderá extrair suas bases de escrita do livro.

A partir desse pressuposto, discutir-se-á acerca dessa íntima relação entre Gabriel García Márquez e sua obra, salientando sempre, que o autor faz questão de deixar explícito que para escrever algo, precisa o vivenciar primeiramente.

Para começar, considere-se as semelhanças entre sua avó Tranquilina e Úrsula- a matriarca da família Buendía. Ambas possuem o mesmo sobrenome, “Iguarán”, as duas são longevas e no fim de sua vida ficam cegas. Da mesma maneira, a casa de seus avós muito se assemelha ao lar descrito no livro.

Pensando em seu avô, coronel que havia lutado na Guerra dos Mil dias, percebe-se a relevância deste em seu romance, em vistas de que, tanto o conflito, quanto os coronéis e

³ Guerra civil colombiana ocorrida entre 1900 e 1903, entre conservadores e liberais, que resultaria na separação do Panamá da Colômbia, momento a partir do qual a nova república panamenha daria direitos aos Estados Unidos sobre a área que posteriormente seria feito o canal.

soldados da família Buendía, representam uma grande parte do desenrolar dos acontecimentos de sua história. Inclusive quando o patriarca da família Buendía morre, para representar seu carinho pelo seu próprio avô, o autor descreve a cena como que milhares de florezinhas amarelas surgem no caminho do cortejo fúnebre, os fazendo ter de afastá-las para abrir caminho. A inundação de pequenas flores surge quase que como uma homenagem dos céus aos patriarcas Buendía e García.

Também Pilar Ternera, que seria uma personagem secundária, mas que jamais deixaria de estar presente, é a mulher que representa seu carinho pelas prostitutas, bem como sua proximidade com elas. Pilar, sendo alguém considerado “da casa” dos Buendía, representa a intimidade pessoal de Gabo com pessoas semelhantes a ela. Inclusive outros romances escritos por ele trazem prostitutas como personagens importantes, bem como o foram em sua vida, fator que pôde-se ver nas páginas anteriores.

Amaranta, eterna solteirona amargurada da família Buendía, talvez fosse sua referência de tia, em vistas de que no tempo em que morou com seus avós, ali também viviam algumas tias suas, as quais nunca vieram a se casar.

Como também mencionado anteriormente, em *Cien años de soledad* Gabriel García Márquez se coloca como um personagem do livro, inclusive com seu próprio nome. O rapaz, amigo de Aureliano, o que viria a ser o pai do último Buendía da estirpe, era bisneto de Gerineldo Márquez, sendo assim, Gabriel Márquez. Este personagem teria uma namorada, chamada Mercedes, que teria o mesmo nome da esposa do autor. E da mesma maneira, o rapaz estaria tentando ir a Paris, como o próprio Gabriel García Márquez fora.

Sem dúvidas, Gabriel escreveu o livro e o livro o descreveu. E as referências entre a vida e a obra, são inúmeras, porém, não cabe ao presente trabalho se aprofundar mais no assunto, em vistas de seu recorte temático. Porém, ainda se mostra importante pensar sobre as características da obra, além de seu caráter pessoal e de verossimilhança com a História, pôr em pauta a forma como o estilo Literário denominado Realismo Maravilhoso se coloca nas entrelinhas do livro.

3.2.1 O Realismo Maravilhoso de *Cien años de soledad*

Santos e Bellini (2018) comentam que realmente existe uma relação muito próxima entre a vida de Gabriel García Márquez e seu romance. Apontam, ainda, que:

Quando Gabo transpõe suas memórias para a ficção, elas adquirem um tom universal e regional ao mesmo tempo, e resgata uma memória coletiva de uma cultura popular adormecida, gradualmente esquecida e menosprezada, igual àquela que vivenciou em sua infância, permeada de histórias insólitas, misticismo e superstições. (SANTOS, BELLINI, 2018. P. 218)

Alguns autores chegam a comentar, como Castor (2011) que Gabriel García Márquez brinca tanto com esse jogo entre o Maravilhoso e o real, que muitas vezes, descreve o Maravilhoso sem assombro, e o real com o maior alvoroço. E pensando juntamente com Santos e Bellini (2018), que além de propor, desde o início do livro, inúmeros acontecimentos insólitos sem o menor estranhamento, da mesma forma faz o leitor perceber a história, onde o mais bizarro se torna natural, e o cotidiano fora do comum.

Exemplos de Realismo Maravilhoso não faltam, e nos parágrafos a seguir poder-se-á ver alguns. Embasando-se no conceito e nas delimitações de Realismo Maravilhoso encontrado em Chiampi (2008), pretende-se apontar algumas cenas e trechos da obra, que bem representam o estilo literário.

O Realismo Maravilhoso tem por característica, além da preocupação com a verossimilhança para uma História dos que não foram ouvidos, uma ideia de tempo cíclico, ou seja, tudo tendo um início, meio e fim, e talvez, um possível recomeço. Característica relevante de se levantar do romance *Cien años de soledad*, em vistas de que tanto a família Buendía, quanto o vilarejo de Macondo têm seu início, seus desenrolares e acabam num total colapso apocalíptico.

Nesse sentido de circularidade do tempo, até os dias acabam parecendo iguais, acontecimento que o próprio José Arcádio Buendía acaba citando, ao perceber que os dias da semana e do mês eram tão idênticos que poderiam ser sempre o mesmo, com o mesmo ritual matinal, as mesmas refeições, o mesmo sol ardente, as mesmas amendoeiras empoeiradas de Macondo.

Alguns acontecimentos um tanto fora do comum se dão, durante o desenrolar do livro, de uma maneira muito natural. Ciganos trazem tapetes voadores, e a população vai pagar para poder andar neles (p. 35); ocorre a transformação de um homem em uma víbora, pois o mesmo teria desobedecido a seus pais (p. 36), fator interessantíssimo, mostrando um pouco da face latino-americana supersticiosa, religiosa e repleta de crendices; Rebeca, criança estranha e sem nome, que come cal das paredes e terra do jardim, é enviada a Macondo com os ossos de seus pais, que fazem um eterno barulho de *cloc, cloc* (p. 44).

Um fato descrito no livro que pode até causar riso, é quando Remédios- a bela, em um dia, no jardim, ascende aos céus, envolta em lençóis de Fernanda del Carpio, que acerca da situação somente se lamenta por ter perdido seus preciosos lençóis e roga aos céus para que

eles sejam devolvidos. E em contraponto a isso, a perda de um ente da família jamais causa estranhamento, e muito menos seu arrebatamento ao céu, já que desde sempre souberam que a menina não era criatura deste mundo.

Inclusive acerca de deixar José Arcádio Buendía amarrado embaixo de um castanheiro, não há problema algum, nem para a família, nem para seus concidadãos, e nem para o padre da cidade. Padre que, diga-se de passagem, para arrecadar dinheiro para a construção de uma igreja, bebia um preparado de leite com chocolate e levitava em frente aos fiéis.

Ainda no início do livro, o patriarca da família Buendía, ao ser motivo de chacota, mata seu zombador, e durante a noite, de forma muito natural, Úrsula vê o morto Prudêncio Aguilar na beira do poço, um tanto tristonho. (SANTOS, BELLINI, 2018) Depois de inúmeras aparições do morto, que queria eternamente lavar sua ferida perto da casa da família de quem o matara, José Arcádio e sua esposa decidem ir embora do povoado, para enfim deixar o morto descansar.

Em relação a Aureliano⁴, filho do patriarca Buendía, diz-se que chorou no ventre materno, e que nasceu com os olhos abertos, observando tudo a seu redor. De uma forma um tanto mágica, depois de um pouco crescido, o mesmo sabia o que iria acontecer no futuro, através de uns lapsos de premonições, nunca questionados pela família.

Como dito anteriormente, há ocasiões normais na obra que são vistas com espanto, como por exemplo, quando os ciganos levam ímã a Macondo, ou mesmo a lupa, objetos comuns, porém que causam estranhamento aos que presenciam seus usos. Vendo que a lupa sob a luz do sol poderia gerar fogo, José Arcádio Buendía chega a pensar se poderia se tratar de uma máquina de guerra para o futuro. (SANTOS, BELLINI, 2018)

Por último, e não menos importante, a família, bem como todo o povoado de Macondo, são acometidos pela peste da insônia, que mais uma vez, lhes parece comum e aceitável. Não mudando em nada de figura quando os mesmos começam a perder a memória, sintoma ocasionado pela dita peste. Sobre as interpretações possíveis acerca da falta de memória e sobre a peste da insônia tratar-se-á no capítulo posterior.

Além de questões inerentes ao Maravilhoso, o Real se mostra na obra muito além de como um retrato da vida de Gabriel García Márquez. A História da Colômbia, seus conflitos e seus

⁴ Aqui, faz-se uma correção quanto à afirmação feita por Santos e Bellini (2018), pois os mesmos afirmam que Aureliano seria o primogênito da família Buendía, o que se mostra inverdade a partir da leitura de *Cien años de soledad*, visto que, Aureliano seria a primeira pessoa a nascer em Macondo, porém, sendo o segundo filho do casal.

ciclos de violência são fundamentais para compreender a riqueza literária contida em *Cien años de soledad*.

3.2.2 Colômbia: entre conflitos

Na América Latina, durante o passar dos anos, foi bastante comum a presença de alguns ciclos de violência, como revoluções, insurreições, guerras e ditaduras. Pensando acerca da construção de uma escrita da História abrangente e democrática, se mostra necessário ter acesso às memórias, em vistas de que, por haverem diversos momentos de repressão popular, é sempre possível que existam fatos não narrados e verdades cerceadas pelas mãos opressoras.

Mas ao contrário de outros países, que têm liberdade para ressignificar suas questões do passado tendo acesso às memórias e aos anteriores silêncios da história, a Colômbia, ainda permanece em conflito, e com uma certa atmosfera de silenciamento no ar, se vê encurralada. Sandra Grisales (2013) comenta que essa violência constante e muito presente, tenta desarticular o convívio social entre as pessoas, a fim de não poderem nem falar uma com as outras sobre os assuntos que gostariam. Dessa forma, o silêncio é o melhor meio de sobreviver em meio ao caos, e ele não representa o esquecimento acerca do assunto, mas forma como que uma comunidade, que conhecendo a violência de perto, permaneça nas sombras, mas ali, resista, à sua maneira.

Mas não poder falar sobre algo explicitamente, não significa, que o assunto não possa tentar romper com as barreiras da violência, da repressão e da tortura de outras formas. (GRISALES, 2013) Uma brecha se abre na literatura, como se verá a seguir.

Grisales pensa o livro *Cien años de soledad* como sendo a história latino-americana e colombiana enfim sendo contada, pois afirma que: “o romance lembra os fatos mais trágicos de nossa história, as guerras civis do século XIX, a chegada das companhias estrangeiras de banana, as greves dos trabalhadores, o massacre das bananeiras, as lutas partidárias, a corrupção política[...]” (2013, P. 125).

Segundo Mauricio Archila Neira (2007), os conflitos na Colômbia irão surgir após a instauração da República, pois após este período, ocorreram inúmeras disputas de poder, as quais nunca foram resolvidas e perduram até os dias de hoje.

O século XIX foi um período, na Colômbia, de grande agitação. Desde lá começaram os conflitos entre conservadores e liberais, que adentram ao século XX. Além de serem extremamente numerosos, os conflitos abarcaram praticamente todo o território nacional, tendo períodos muito curtos de paz, de anistia, de acordos e de esquecimentos (para alguns). Assim,

no imaginário colombiano, se vê um passado violento, no qual uma violência sucede a outra, num ciclo sem fim. (GRISALES, 2013)

Já nos anos de 1948 e 1953, ocorre um período conhecido como *La Violencia*, no qual, travadas as lutas entre liberais e conservadores, se dissemina tanto a violência que chega até as áreas rurais mais distantes, fazendo com que as famílias tivessem de fugir para as matas, e muitas vezes, sendo expropriadas de suas terras, sofrendo torturas e chacinas. O resultado desse conflito foram mais de 200 mil vidas perdidas, em nome das lutas políticas, e muitas vezes agregando justificativas pessoais às ações. (GRISALES, 2013)

O período chamado de *La Violencia* teve seu início após a morte do líder liberal Jorge Eliecer Gaitán, no ano de 1949, homem este, que após o massacre dos trabalhadores bananeiros da *United Fruit Company*, em 1928, fez parte dos movimentos dos trabalhadores, em prol de mais direitos e melhores condições trabalhistas, e que através desse cunho mais popular chegaria no cenário político nacional. (SANTOS, 2014)

Gaitán se envolveu bastante, após o massacre, nas lutas e reivindicações populares, percebendo as tensões e as demandas advindas das classes subalternizadas. Dessa maneira, de 1930 a 1948, tempo em que os liberais se encontravam no governo, aumentaram ainda mais as reivindicações populares, que almejavam um desenvolvimento industrial nacional, substitutivo às importações. (SANTOS, 2014)

Com o liberal López Pumarejo na presidência, porém, a situação continuava insatisfatória para a população, ainda mais, depois do episódio em que foi desconsiderada a Lei 200, que previa uma reforma agrária no país. Gaitán, querendo terminar com o bipartidarismo que acompanhava a Colômbia desde sua independência, se propõe a desenvolver um movimento político popular. Porém, concomitantemente, ocorre a ascensão de um líder conservador católico que, após a renúncia de Pumarejo, seria eleito. Nesse período, as tensões aumentam e Jorge Gaitán é assassinado, e então começam a haver perseguições, tanto no campo, quanto na cidade, aos liberais e apoiadores dos movimentos de trabalhadores, as quais resultaram em milhares de mortes, e a expropriação de terras dos contrários à política conservadora. (SANTOS, 2014)

Dessa maneira, a violência já em cenário há tempos, tem um acréscimo assustador, principalmente depois das eleições de 1950, com candidato único, com viés fascista. E a partir desse momento, as lutas de classe colombianas têm sido de forma escancarada. (SANTOS, 2014)

E é nesse cenário de violência e instabilidade política, bem como de perseguição e encolhimento dos partidos liberais por causa da repressão do governo, que Gabriel García

Márquez viveu, fatos que deixaram marcas, tanto para sua vida, quanto para sua produção literária.

3.2.3 A memória durante o trauma

Em meio a tantos problemas para elaborar essas questões tão inerentes à realidade colombiana, se torna difícil pensar acerca de suas vivências, suas dores e suas mortes. A memória, por estar permeada de uma violência permanente, se mostra confusa e ambígua, e essa tensão parece nunca ter fim. (GRISALES, 2013) Dessa forma, ainda é muito difícil poder falar sobre essas questões que permeiam o país. A memória popular, de uma gente há tanto tempo silenciada, se mostra difícil de ser acessada, descrita e escrita. Sem elaborar as questões inerentes ao trauma não é possível encontrar uma melhor forma de conduzir a Colômbia a novos ares.

Porém, falar sobre suas memórias, é muitas vezes até perigoso. Em momentos de exceção, que quase se tornaram regra na Colômbia, tocar em algumas feridas pode causar problemas, tanto para quem fala, como para todos ao seu redor. E é em meio ao medo e ao silêncio que, muitas vezes, se encontraria a História colombiana.

3.3 A COLÔMBIA EM *CIEN AÑOS DE SOLEDAD*

Ao observar o romance de Gabriel García Márquez, pode-se perceber a estreita relação com a Colômbia, tanto do autor, quanto do livro. Algumas semelhanças se mostram desde Macondo, que se parece muito com a cidade onde foi criado, Aracataca, até acerca de questões políticas inerentes ao livro e à história colombiana. Sobre essas semelhanças, referências e proximidades falar-se-á nas páginas a seguir, considerando sempre a afirmação de Gabo que, para tudo o que escreve precisa de um fato real para se embasar, fomentando a tese da verossimilhança literária encontrada em *Cien años de soledad*.

3.3.1 Os embates na literatura: conservadores e liberais em *Cien años de Soledad*

Como visto anteriormente, após a independência colombiana, se instauraram diversas tensões entre liberais e conservadores, que disputaram poder de forma muito violenta, causando inúmeras mortes, repressão, expropriação de terras e diversos conflitos, que perduram até os dias de hoje. E Gabriel García Márquez, que passou sua infância e juventude ouvindo sobre os

embates entre ambos os lados, e mesmo vendo com seus próprios olhos muitas das tensões ocorridas em seu país natal, não deixa de as narrar e descrever em sua obra.

Os exemplos são diversos em que se deixa transparecer a realidade colombiana na obra. Um personagem do livro, conhecido como Apolinar Moscote, teria sido enviado pelo governo a Macondo a fim de ser o delegado, trazendo somente um escudo simbolizando a República para pendurar em sua sala, percebe-se, justamente o símbolo sob a qual ainda são disputados espaços de existência e poder. Não tendo ele sido reconhecido como tal pelos homens do povoado, só pôde ficar na cidade como uma autoridade alegórica, sem tomar decisões ou fazer decretos, em vistas de que o controle do local estava nas mãos dos moradores.

Tal cena se vê perpetuada na História colombiana, ainda mais somada à divisão de terras feita pelo patriarca José Arcádio Buendía, território que não era seu, mas que consolidou e se alegrou pela não intromissão do Estado até a chegada do delegado.

É bastante sintomática a questão política quando Aureliano Buendía e seu sogro Apolinar Moscote começam a debater sobre conservadores e liberais, e o delegado aponta os liberais como assassinos de padres e defensores do divórcio e de filhos bastardos, e seu genro, não conhecedor das questões inerentes a ambos os lados acaba por se identificar com os liberais, pensando acerca da questão dos filhos bastardos, tendo ele assumido um filho de fora de seu casamento.

Também se vê na obra movimentos de conspiração secretos, se utilizando de códigos sutis para identificar os seus. E o delegado, que se fez conhecido na cidade, aos poucos foi tomando espaço com suas ideias conservadoras que desde sua chegada tentara implementar. Pintar as casas de azul em homenagem à independência, deslocar a taberna do Catarino para mais longe dos olhos do povo, e por fim, trazer novamente 6 oficiais armados com fuzis para o pequeno povoado.

A partir dessa instituição lenta, gradual e aparentemente inocente, ocorrem as eleições, nas quais o voto impresso é feito através da escolha em depositar na urna papeis azuis ou vermelhos, depois de os oficiais terem proibido a venda de bebidas e terem ido a todas as casas da cidade para recolher todo tipo de armamento do povo, incluindo suas facas de cozinha, ocorrem as eleições.

Com a urna sendo guardada pelo delegado, se tem em vistas uma realidade perversa. A urna é aberta, e quase todas as cédulas vermelhas liberais são retiradas e substituídas por azuis. Com a detecção da fraude, os liberais se rebulizam ainda mais, e então chega o exército e toma a escola, fazendo dela seu quartel militar. Perceba-se a perspicácia do autor, indo além de palpável, buscando o simbolismo imbuído nas entrelinhas, de fechar uma escola, na qual os

jovens do povoado podiam ter acesso à educação e à informação, e na qual estavam ocorrendo movimentos favoráveis aos liberais, a fim de instituir nela um quartel, local onde se instalaram homens que sem piedade atacaram lares, famílias, enforcaram conspiradores e chegaram a matar uma mulher no meio da rua. Ao contrário do que se dizia dos conservadores, até deram uma forte coronhada no padre Nicanor, que levitava depois de tomar seu chocolate quente.

Em momentos posteriores na obra, como quando tem início a guerra, com os acordos de paz nunca bem selados, com as medalhas de honra não aceitas e as batalhas e conflitos intermináveis, se vê a história política da Colômbia, com seus ciclos de violência intermináveis, com seus mortos e sua absoluta solidão.

3.3.2 A República de bananas: a intromissão estadunidense na Colômbia

Além da participação recente, citada anteriormente no texto, a fim de construir uma política antidrogas na Colômbia, os Estados Unidos sempre estiveram rondando os países Latino-americanos, tentando assumir um papel de proteção para com os países ao Sul de seu território, porém de uma forma um tanto inadequada e controversa.

No livro de Claudia Wasserman (2004), pode-se ver, que desde os movimentos iniciais de ruptura com as metrópoles europeias, os Estados Unidos estiveram presentes na história latino-americana, aparentemente a fim de auxiliar nos processos independentistas, porém resultando em apenas uma troca de soberania.

Ao se autodeclararem defensores implacáveis da América Latina, com a doutrina Monroe de “A América para os americanos” de 1823, tentando desvincular os territórios e as explorações aqui realizadas dos ingleses e franceses principalmente, com o principal interesse de agregar para si a exploração dos territórios. Ou seja, a intenção estadunidense nunca foi outra se não a de incorporar a exploração antes feita por outros países ao seu repertório. (WASSERMAN, 2004)

A arrancada de domínio estadunidense se deu quando venceu a disputa com a Espanha pela independência de Cuba em 1898, e a partir desse momento, diversos territórios latino-americanos ficaram sob o jugo e domínio vindos do vizinho do Norte, trocando assim, somente de carrasco. (WASSERMAN, 2004)

A partir de então, a expansão exploratória estadunidense foi tomando as mais diversas esferas econômicas, todas elas referentes às matérias primas, recursos naturais e monocultura. Em Cuba, por exemplo, os agricultores locais perderam totalmente o poder sobre suas terras, sendo condicionados à produção de cana-de-açúcar. No Uruguai a produção pecuária viria ser

a eminente, e em todo o território latino-americano, a exploração de minérios foi bastante relevante. Na América Central, a produção e exportação era mais voltada às frutas, como pode-se ver no caso colombiano da instauração da *United Fruit Company*, citada inclusive em *Cien años de soledad*. (WASSERMAN, 2004)

Como também visto na obra de García Márquez, existiram na América Latina algumas organizações sindicalistas e socialistas, como por exemplo, no México. (WASSERMAN, 2004) Nessas organizações foram comuns a presença de greves de trabalhadores, que como no caso colombiano, acabaram em violentas chacinas.

E dessa forma, adentra-se mais uma vez na obra de Gabriel García Márquez. O momento-chave para o presente trabalho se dá em meio à exploração estadunidense, à instauração da *United Fruit Company* e à greve dos trabalhadores. Mas o fator principal, que vai dar início e possibilidade a tudo, seria a chegada da linha férrea, e a vinda do primeiro trem.

Wasserman (2004) descreve que alguns dos responsáveis pela produção de frutas na América Central foram também os que levaram a linha férrea a vários países, como Costa Rica, Panamá e Colômbia, a fim de um escoamento de produtos mais fácil e rápido. Dessa maneira, também chega Aureliano Triste, um dos inúmeros filhos que o Coronel Aureliano Buendía teve durante suas guerras, em cima de um trem.

Com a promessa de trazer a malha ferroviária a Macondo, Aureliano Triste sai do povoado com alguma quantia em dinheiro e vai a um demorado empreendimento, do qual ninguém soube o resultado até o seu retorno. No livro, os habitantes de Macondo viram alguns trabalhadores construindo a linha férrea, colocando os dormentes e os trilhos, porém acharam ser mais uma obra dos ciganos. Até o dia em que chegou o trem.

A cena da chegada do trem é repleta de simbolismos: o trem é amarelo, e vem carregado de flores. Em vários momentos do livro a cor amarela é empregada em várias situações. Quando o patriarca da família morre, o cortejo fúnebre tem de parar a fim de retirar a enorme quantidade de flores amarelas que se encontram no caminho, da mesma forma, Maurício Babilônia, que vai ter um romance com uma descendente dos Buendía, é cercado de borboletas amarelas. Da mesma maneira, o trem amarelo, que significaria o progresso, repleto de flores, podendo anunciar a bonança que o progresso poderia trazer, chega atrasado em 8 meses. Perceba-se, o progresso chega com atraso já em sua primeira vinda. É extremamente sintomático quando às chagas latino-americanas que o progresso demore a chegar, e que quando chegue, como dito no livro: “O inocente trem amarelo que tantas incertezas e evidências, e tantos deleites e desventuras, e tantas mudanças, calamidades e saudades haveria de trazer para Macondo.” (MÁRQUEZ, 1995, p. 215)

Com a chegada do trem, também iriam aparecer em Macondo uma leva de estadunidenses, entre eles Mr. Herbert, que levado à casa dos Buendía, após a refeição, começa a comer bananas, e ao terminar o primeiro cacho, suplica à família que lhe dê outro. Após degustar as frutas, retira amostras, pesa e observa. Depois, mede a luminosidade e a umidade do ar, sob a supervisão assustada da família.

Se mostra bastante emblemático, que de forma aparentemente muito inocente, García Márquez vai dizer que Mr. Herbert vai caçar borboletas. Observe-se, as vezes em que aparecem borboletas no enredo, representam amor, afetos, sonhos. Sendo assim, de forma muito velada, o estadunidense caça sonhos e esperanças, amor e tranquilidade, que posteriormente, Macondo e os Buendía compreenderiam o porquê e inclusive amaldiçoariam o dia em que deram bananas ao visitante.

Segundo Gleydson Pinheiro Albano (2016) a empresa estadunidense multinacional conhecida como *United Fruit Company*, vai aproveitar do poderio de seu país sobre os da América Central, e começar a exportar frutas, principalmente a banana, de países como a Colômbia, para os EUA. Utilizando-se de navios e trens, a fruta chegaria a seu destino sem maiores problemas, porém resultando em territórios dominados, em produção de larga escala, e de domínio muitas vezes violento, de terras e trabalhadores.

A fruta, antes exótica em território estadunidense, irá se tornar bastante comum no cotidiano das famílias, chegando inclusive ao ponto de a *United Fruit Company* fazer parcerias com Associações Médicas Americanas a fim de divulgarem os benefícios do consumo da fruta, bem como suas possibilidades de utilização. (ALBANO, 2016)

Porém, as Repúblicas de Bananas, como ficaram conhecidos os países onde a fruta era produzida em larga escala, não tinham benefício algum com esse novo empreendimento, em vistas de que, para a fruta chegar com baixo custo nas mesas norte-americanas, havia um controle imenso de custos da produção. Com essa necessidade de bons preços, com cachos de bananas valendo mais do que vidas humanas, como se perceberá nos debates do próximo capítulo, as frutas possuíam locais próprios para seu cultivo, terras muitas vezes até mesmo invadidas, com colonos e indígenas expropriados e violentados, e com a terrível exploração da mão-de-obra assalariada, que se percebe em *Cien años de soledad*, quando ocorre a greve dos trabalhadores, que foi absolutamente um relato da realidade. (ALBANO, 2016)

Albano (2016) descreve que:

Todos esses fatores, principalmente o roubo de terras e as péssimas relações de trabalho geravam desestabilização para toda a região produtora de banana, com inúmeras greves e levantes que foram massacrados pelos governos autoritários apoiados pelos Estados Unidos ou pelo próprio

exército americano que intervinha militarmente para manter a produção e o comércio bananeiro. (ALBANO, 2016, p. 28).

Ainda citando Albano (2016), as intervenções do governo dos Estados Unidos nos países em que explorava, que nas 3 primeiras décadas do século XX, chegaram a se impor militarmente 28 vezes, foram contínuas e violentas, todas a fim de manter seu poderio e hegemonia.

Outro problema muito relevante foi a derrubada sem precedentes de florestas impenetradas, a fim de abrirem campo para a produção bananeira. Enquanto as novidades que iam chegando, como a malha ferroviária e a luz elétrica, poderiam parecer a chegada do trem amarelo do progresso, o sofrimento, as mortes, a expropriações de terras, a falta de direitos trabalhistas, também não tardaram a chegar. E o trem amarelo pôde carregar muito mais do que as flores que trouxe, e as bananas que levou: levou vidas, levou sonhos, e trouxe ainda mais solidão.

4 A PREÇO DE BANANA: QUANTO VALE A VIDA LATINO-AMERICANA?

4.1 A POLÍTICA DE PODER DE MORTE

Achille Mbembe, em seu livro “Necropolítica” (2018) vai abordar acerca de seu conceito de uma política, que a partir dos poderes exercidos por uma soberania, pode determinar quem “pode viver e quem deve morrer” (p. 5). E a partir desse conceito, poder-se-á refletir sobre como a política da morte esboça na América Latina quem continuará, ou não, a viver.

A necropolítica, segundo Mbembe (2018) seria muito mais de uma maneira política de decidir quem morre ou não, seria a maneira mais fácil de se exercer uma soberania em situações em que o Estado de exceção se faça presente. O mesmo autor irá conceituar que “Soberania significa ocupação, e ocupação significa relegar o colonizado a uma terceira zona, entre o estatuto de sujeito e objeto.” (p. 39). Essa zona entre o ser sujeito e objeto que os latino-americanos ocupam transparece muito na obra de García Márquez, dando ênfase na cena na qual corpos humanos são carregados no trem no qual iam as bananas, indo para serem descartados onde eram depositadas as frutas podres.

Além dessa triste cena, onde as raízes do colonialismo se mostram muito firmadas, cabe pensar sobre a influência que uma invasão e colonização europeias relegaram à América Latina. Mbembe (2018) afirma que em um lugar que foi colonizado por outro povo, e diga-se de passagem, explorado, é um local de extremo conflito, em vistas de que nele se encontra um Estado de Exceção, que não está lá para auxiliar e servir o povo, mas para reprimir e disciplinar. E essa chaga da colonização, de fato, se mostra nas espirais de violência sem fim, nas ditaduras militares, nas chacinas e na desumanização do ser.

Pensando acerca das questões abordadas no capítulo anterior, onde pôde-se ler que a Colômbia, bem como toda a América Latina, possui ciclos de violência sem fim, é possível perceber a terrível sombra de uma política que determina quem vive e quem morre. No caso colombiano, os intermináveis conflitos se deram a partir de disputas de poder durante o processo de instauração da República, bem como as inúmeras guerrilhas, exércitos paramilitares, morte e violência constantes só mostram cada vez mais como a morte é onipresente.

Com um Estado deslegitimado e apoiador de alguns grupos paramilitares, e muitas vezes defensor de questões privadas dos seus, a necropolítica se desenha em um total abandono da população, na falta de justiça, na ausência de direitos humanos básicos, na intervenção estrangeira desmedida e ineficaz, nas desigualdades sociais.

4.1.1 Desigualdades sociais

Segundo Denis de Oliveira (2018), a violência seria um fator inerente ao sistema capitalista, em vistas de que as implicações do mesmo causariam essa desigualdade entre classes sociais, sem se importar com questões de um bem estar coletivo, ou mesmo com questões humanitárias. Tendo um Estado capitalista, portanto, a violência contra a população, principalmente de classes menos favorecidas, se consolida institucionalmente.

Além disso, Oliveira (2018) comenta que as políticas de violência não se constituem apenas de momentos em que ocorreria uma agressão de forma mais física, mas inclusive em momentos em que a repressão do Estado é tão forte, as liberdades são tão cerceadas que acabam por interferir de maneira cruel e violenta nas vidas das pessoas, sem precisar usar da força física. Dessa forma, o autor ainda aponta que:

Na dinâmica racial em países marcados pelo colonialismo e pela escravização como as do continente latino-americano, a violência institucional se manifesta principalmente pelo racismo, que serviu como ideologia legitimadora da exploração do trabalho escravo[...] (OLIVEIRA, 2018, p. 43)

Há ainda uma forma de violência institucionalizada, que faz com que esses atos contra a população sejam aplicados e justificados de tal forma, que sejam amparadas pelas leis e normas que regem o país (OLIVEIRA, 2018). Essa maneira institucional de violência pode-se perceber inclusive no caso colombiano, que supostamente a fim de controlar as espirais de violência na sociedade se utilizam de mais instrumentos de repressão, coerção e violência, reforçando seus exércitos e forças armadas ao invés de demonstrar interesse em resolver questões relacionadas à saúde, à educação e à manutenção dos direitos humanos básicos.

Dessa maneira, um Estado e uma sociedade capitalistas, não demonstram interesse, muitas vezes, em diminuir a violência generalizada que se instaura no país. Como na Colômbia, que os interesses particulares de pessoas de maiores posses e influência são priorizados ao invés do bem estar da população em geral. E o governo colombiano, que já tanto deixou de fazer pelo bem-estar da população, mais uma vez defende e protege certos setores, e massacra e violenta outros, apostando até em intervenção violenta e desmedida vinda dos Estados Unidos.

4.1.2 Política da solidão

A política de morte, como dito anteriormente, não se resume em ações físicas agressivas, mas em todo o aparato coercitivo, em toda a falta de direitos, em toda a diferenciação que é feita entre quem pode ou não continuar vivo.

Da mesma maneira que se caricatura o rosto da morte quando não é dada à população o devido acesso a direitos básicos dos cidadãos, quando a escola é substituída por um quartel como descrito no livro de Gabriel García Márquez, quando a população vive sob as leis locais de guerrilheiros violentos, quando se torna preferência a compra de armamentos para matar do que a construção de centros de saúde para curar.

Da mesma forma, outros empreendimentos estadunidenses em território colombiano e latino-americano só são feitos em interesse próprio. Exemplos disso se mostram em Wasserman (2004), que comenta sobre a “missão civilizatória” atribuída aos Estados Unidos, que consistiria em conceder empréstimos aos países latino-americanos, a fim de “pacificar e democratizar as repúblicas vizinhas” (p. 17) e chegam a se autodenominar “protetores implacáveis da América Latina” (p. 15).

Dessa maneira, também, os EUA instalavam empresas em territórios vizinhos, como foi o caso da Colômbia com a chegada da *United Fruit Company*, que era destinada, como dito anteriormente, à produção bananeira. A Companhia traria a linha férrea, empresas de telecomunicação e eletricidade, e também geraria empregos, que em uma política de subvidas traria ainda mais problemas à população (WASSERMAN, 2004).

Nesse período, que se deu em meados do século XX, diz Wasserman (2004) que as condições de trabalho dos colombianos nas plantações de bananas eram terríveis, contando com baixos salários, carga excessiva de trabalho e sem direito trabalhista algum. Nessa época, em toda a América Latina, também vão ocorrer diversas greves de trabalhadores, como também ocorreu na Colômbia.

No livro de Gabriel García Márquez é possível também encontrar referências bastante claras sobre a greve dos trabalhadores bananeiros, que saíram às ruas a fim de protestar contra suas péssimas condições de trabalho e seus baixos salários. Assim, adentra-se em uma importante parte do presente trabalho, que quer pensar sobre a greve dos trabalhadores, seus desenrolares e significados na obra do autor de *Cien años de soledad*.

4.2 O MASSACRE DOS TRABALHADORES BANANEIROS

Em diversas ocasiões durante a História, a Colômbia aparece no cenário internacional, através de notícias e reportagens, a maioria sendo destinada a retratar os ciclos de violência no país. Jorge Enrique Elías Caro (2010) afirma que apesar de serem inúmeras as publicações que mostram a violência colombiana, sem dúvidas, o fato que mais chamou a atenção, tanto na literatura quanto na historiografia foi o massacre dos trabalhadores grevistas da *United Fruit Company*.

Contando com inúmeros romances, novelas e demais produções literárias, o massacre se fez conhecido pelo mundo, principalmente depois da publicação de *Cien años de soledad*, livro que se espalhou pelo mundo e tomou dimensões nunca antes tidas com um livro latino-americano.

4.2.1 A greve em Magdalena

Os trabalhadores da Companhia Bananeira, empregados através de subcontratos feitos por terceiros, nas duas primeiras décadas do século XX, se encontravam sem qualquer direito trabalhista. A *United Fruit Company*, em contratos de trabalho firmados, deixava evidente que quaisquer problemas trabalhistas deviam ser tratados com os contratistas dos trabalhadores, burlando assim, a lei colombiana, como também, tirando de si a responsabilidade pelos encargos dos trabalhadores. (CARO, 2010).

A partir de 1915, com a instauração, por parte do governo colombiano de leis que previam os direitos dos trabalhadores, os mesmos começam a cobrar da *United Fruit Company* que eles sejam diretamente contratados pela companhia, o que viria a ser o principal motivo que levaria os trabalhadores à greve. (CARO, 2010).

Por volta de uma semana antes do massacre, jornais regionais chegam a publicar que responsáveis da *United Fruit Company* se dirigiram a Magdalena a fim de se encontrar com os trabalhadores em greve e negociar as condições para a volta ao trabalho. Chega a ser citado por Caro (2010), que acerca das negociações foi dito que ambos os lados se encontravam agindo dentro da lei e com um civismo admirável.

A greve teria seu início na segunda semana de novembro, sendo organizada de maneira que haviam grupos responsáveis pela manutenção do protesto, e outros que garantiriam que os trabalhadores que não eram adeptos do movimento, não pudessem colher ou transportar os

cachos de banana, aumentando assim a tensão da Companhia, por medo de ter mais perdas com frutas que acabariam estragando sem serem colhidas. (CARO, 2010).

No cenário que se desenhou após a chegada da *United Fruit Company* em Magdalena, todos os aspectos da vida da pequena cidade giravam ao redor da economia bananeira, fazendo até com que a educação fosse deixada de lado, pois o principal era trabalhar para a companhia. Portanto, com a greve dos trabalhadores, sem trabalhar e sem receber seus salários, a economia da cidade começa a ruir. O principal fator que fazia girar a economia era o comércio e o consumo de produtos pelos trabalhadores bananeiros, e sem seus salários, os grevistas não compravam ou consumiam, fazendo colapsar o comércio local. (CARO, 2010).

Além das questões referentes à contratação dos trabalhadores pela *United Fruit Company*, haviam outros pontos que levavam os demais setores da sociedade a estarem descontentes com a presença e as atitudes tomadas pela companhia. Os pequenos produtores de banana, por exemplo, reclamavam do monopólio da companhia pela venda e exportação da fruta, em vistas de que, os mesmos não poderiam por si sós comercializar a fruta sem passar pelas mãos da *United Fruit Company*. Da mesma maneira, comerciantes locais se sentiam prejudicados, pois com a instauração de lojas e mercados próprios da companhia bananeira, que pela facilidade de negociação tinham preços menores, fazendo com que o comércio local ficasse em desvantagem, ainda mais porque os trabalhadores muitas vezes eram pagos com vales para utilizar nos mercados e lojas da companhia, prejudicando ainda mais os comerciantes locais. (CARO, 2010).

As reivindicações feitas pelos grevistas eram extremamente básicas e simples, dentro da lei e dos direitos básicos dos trabalhadores. Caro (2010) vai dizer que os trabalhadores em greve vão exigir seguro a todos, indenização em casos de acidentes de trabalho, melhores moradias (pois nas quais moravam as condições eram terríveis, pois além da superlotação dos quartos, não havia sequer janelas para arejar o ambiente), descanso remunerado aos domingos, contratos diretamente feitos com a *United Fruit Company* sem mediação de contratantes, melhor acesso à saúde e abolição do pagamento através de vales.

4.2.2 O conflito e a caricatura da necropolítica

Tentando executar negociações com a *United Fruit Company*, os trabalhadores em greve chamam o gerente da companhia, que não atende seus pedidos e alega que os mesmos estavam agindo fora da lei. Na manhã do dia 1º de dezembro, chegam por volta de 200 soldados do

exército, que ocupam uma construção pública sem qualquer consentimento do governo do município. (CARO, 2010)

Por esses dias, os trens começam a ser parados abruptamente, e os trabalhadores bananeiros de outras regiões são retirados dos vagões pelos militares, não podendo se locomover até a zona de maior ebulição da greve. Temendo por violências por parte dos militares, alguns grevistas começam a retornar para suas moradias fora da cidade, enquanto os que ali viviam não tinham para onde ir. (CARO, 2010)

Se mostra interessante pensar em como uma política de repressão na Colômbia vai se tornando uma de agressão. Com direitos de ir e vir cerceados e com a população cercada por exércitos que não paravam de chegar, toda a situação ia ficando mais complicada. Com uma suposta legitimidade por parte da *United Fruit Company*, em vistas de que vão dizer que os grevistas se encontravam fora do limite da lei, o Estado colombiano se volta contra seu próprio povo, como diria Mbembe (2018), ao apontar que em um Estado de exceção o exército não está lá para proteger seu povo, mas para o refrear e reprimir, até mesmo violentamente.

Nesses dias, além de não ser permitida a partida de trem, os habitantes de Magdalena perderam totalmente a comunicação para com outras regiões do país, em vistas de que não chegavam mais os jornais, os telefones foram cortados e o correio parou de passar. Além disso, diversas lojas e mercados locais param de ser abastecidos e precisam fechar suas portas por não mais conseguirem pagar seus funcionários e suas dívidas. (CARO, 2010)

No dia 3 de dezembro, o governo pede reforços militares, com preferência por homens de regiões mais afastadas, a fim de garantir que os mesmos não tivessem nenhuma relação com os grevistas, e pudessem agir sem nenhum impedimento. A partir desse momento se tornam proibidas reuniões, e pessoas começam a ser presas por causa de uma suposta ameaça de ideias comunistas. (CARO, 2010)

Temendo pela vida de seus trabalhadores estadunidenses, contratados diretamente pela *United Fruit Company* para o ramo bananeiro, o país norte-americano envia barcos para buscar seus cidadãos, garantindo assim sua integridade, e os retirando de perto dos grevistas. (CARO, 2010)

Para compartilhar as novidades com toda a população trabalhadora, a União Sindical de Trabalhadores de Magdalena vai encontrar anunciadores dos grevistas, que espalham as notícias a toda a região e até aos jornais, como no caso do jornal liberal *Vanguardia obrera*. Esses grevistas que levariam e trariam informações começaram a chamar-se de *Correo Rojo*, literalmente, correio vermelho. (CARO, 2010)

A greve, que tinha mais de 32 mil trabalhadores participando, chegava ao estado de sítio. Com total desamparo de seu próprio país, que viria a servir somente para apoiar os estadunidenses, a quantidade de soldados chegando a região bananeira só crescia. A tensão naquele momento era vista como irremediável, em vistas de que uma negociação entre as partes não era do interesse da *United Fruit Company*. (CARO, 2010)

O Dr. Núñez Roca, governador do departamento de Magdalena, no dia 5 de dezembro expede um documento exigindo que os grupos de grevistas se dissipem, considerando que a greve causara tumulto na região. Com esse comunicado vindo do governo, que claramente demonstrava seu apoio à *United Fruit Company*, os trabalhadores dão início a diversos protestos, considerando a parcialidade do governo sem mesmo considerar as premissas dos grevistas. (CARO, 2010)

Com a irrupção dos protestos dos trabalhadores o exército é chamado para conter e dissipar o movimento. Porém, os trabalhadores se negam a voltar para suas casas, e perto da praça central onde haviam por volta de 1500 pessoas, é anunciado que se em 15 minutos a multidão não se dispersasse abririam fogo. Para anunciar a passagem do tempo aos grevistas que permaneceram imóveis na praça central, os homens do exército soavam uma corneta e tocavam tambores. Ao final dos 15 minutos, com os trabalhadores em resistência, agitando suas bandeiras nacionais e de representantes de sindicatos, aos gritos de “Viva Colombia”, é ouvida a ordem de abrir fogo contra a população ali localizada. Equipados com metralhadoras, os soldados cumprem as ordens, e disparam contra os grevistas. (CARO, 2010)

E entre os “Viva Colombia” se mostra a solidão latino-americana, que permite que o exército mate sua própria população em prol de uma companhia estrangeira que tanto explorou seu território, seu povo e suas riquezas.

E daquela madrugada do dia 6 de dezembro de 1928, muitos anos depois a população ainda recordaria com muito pesar. Enquanto as primeiras informações foram de que 8 pessoas teriam morrido e 20 ficado feridas, mais tarde seria publicado no jornal “La Prensa”, que na realidade o número era bem superior a este, chegando a um número de 1000 mortos. (CARO, 2010)

A população local diria que esse número poderia ser ainda muito maior, em vistas de que os corpos foram transportados aos montes dentro dos vagões de trem, e sepultados em valas distantes e desconhecidas dos que perderam seus familiares no massacre. Muitas das pessoas que presenciaram o massacre fugiram para outras regiões, deixando para trás suas casas e seus pertences, temendo represálias feitas pelo exército. E a população que ficou, ainda amedrontada, muitas vezes preferiu não falar sobre o ocorrido. (CARO, 2010)

4.3 O TREM DE MORTOS: ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO

Como visto anteriormente, as linhas férreas, o sinal de rádio, a eletricidade e outros tantos avanços tecnológicos, foram fornecidos pelos Estados Unidos à Colômbia e a outras nações latino-americanas. Porém, essas benesses não foram concedidas por pura bondade, mas sim para facilitar as explorações estadunidenses nos territórios mais longínquos, bem como levar seus produtos e instituir mercados, para mais uma vez obter benefícios próprios, lucrando ainda mais.

A linha férrea, bem como todos os investimentos estadunidenses, dessa maneira, não podia ficar de fora do enredo de *Cien años de soledad*, em vistas de que a partir do momento em que Aracataca (real) e a Macondo (fictícia) receberiam o primeiro trem, os pequenos povoados esquecidos entrariam em uma rota de trabalho e exportação, que só terminaria com as greves dos trabalhadores e com seu massacre.

O trem amarelo que chegara a cidade fictícia de Macondo como uma novidade e o princípio do progresso, como se pode ver na obra, vai muito além de um fato historiográfico, sendo, além de tudo, imbuído de muito significado. Citando mais uma vez o que diria García Márquez: “O inocente trem amarelo que tantas incertezas e evidências, e tantos deleites e desventuras, e tantas mudanças, calamidades e saudades haveria de trazer para Macondo.” (MÁRQUEZ, 1995, p. 215)

O trem, promessa de Aureliano Triste, que por muitos meses ficara fora da cidade de Macondo, chega com 8 meses de atraso. Amarelo e carregado de flores, simbolismo já explicado anteriormente no texto, e que a população local achara que era mais uma invenção dos ciganos, chega sem expectativas, com algum susto, e muito incompreendido.

Juntamente com o trem, chegara a luz elétrica e até mesmo o cinema em Macondo. Ao mesmo tempo, porém, chegavam também vendedores ambulantes, e em meio a tantas novidades, cores, barulho e movimentação, desembarcaria em Macondo Mr. Herbert que seria o comedor de bananas compulsivo que acabaria trazendo a *United Fruit Company* para a região.

Os desenrolares do livro muito se assemelham com a Historiografia, e seu ponto ápice, que se cabe tratar, é acerca da greve dos trabalhadores, que tal qual como na realidade, é descrita no livro.

O personagem José Arcádio Segundo, da estirpe dos Buendía, acabaria sendo um dos líderes do movimento sindical, bem como, na obra, teria sido inclusive preso juntamente com outros companheiros, que após várias tensões entre a companhia bananeira e os trabalhadores, teriam dado início à greve. García Márquez irá dizer que, já que nem a polícia e nem a *United Fruit Company* queriam se responsabilizar por alimentar os prisioneiros, os mesmos foram libertados.

Quando se adentra em questões referentes ao massacre dos trabalhadores no livro *Cien años de soledad*, Gabriel García Márquez faz uma descrição precisa e historiográfica dos acontecimentos. Inserindo em meio à sua narrativa personagens fictícios e reais, vai descrevendo muitos dos acontecimentos nos dias que antecederam o conflito.

Características do real, como as reivindicações dos trabalhadores por mais acesso à saúde, por locais adequados para viverem, e denúncias dos sistemas de vales como pagamento dos serviços, se mostram presentes e descritos na obra. Da mesma maneira, a volta aos Estados Unidos do Sr. Brown, juntamente com todos os seus compatriotas, e o princípio da greve também se fazem presentes. Numa mescla entre o real e o maravilhoso, os fatos vão sendo descritos, um a um, mais uma vez mostrando a intenção do estilo literário de retratar também a realidade.

Mais uma vez, García Márquez comenta sobre o estourar da greve, o movimento e a resistência dos trabalhadores, o deixar apodrecer as bananas no pé, e até mesmo a chegada do exército, que como bons bananas foram designados a colher as frutas, e numa política de morte aos concidadãos e apoio aos estrangeiros, vão se instalar na cidade a fim de terminarem então com a greve.

Os trabalhadores, que até o dado momento se encontravam vagando pelas ruas da cidadela se armam com seus facões e tentam impedir a colheita da fruta e a volta do andar do trem. Dessa maneira, ateavam fogo nas plantações e nas fazendas, bem como nos armazéns da companhia. Após esse período, García Márquez vai narrar enfim, os acontecimentos literais e metafóricos que iriam ocorrer naquele 6 de dezembro.

José Arcádio Segundo, que em *Cien años de soledad* seria um dos líderes sindicais que regiam a greve, estaria na manhã da sexta-feira, dia 6 de dezembro, juntamente com uma multidão de outros grevistas, na estação de trem da cidade. Todos cercados por ninhos de metralhadoras instaladas de todos os lados, que de tamanho espetáculo que estaria por vir, os comerciantes montaram suas barraquinhas de comida e bebida perto da população, que sob um sol abrasador esperava, segundo o livro, o trem que se encontrava atrasado.

A partir de então, um tenente fala à população que teriam ordem de atirar, em vistas de que a mesma estaria causando tumulto. Após vaias, o capitão das tropas avisa que abrirá fogo em cinco minutos, e ao passar o dado tempo, oferece mais um minuto. Com as vaias e aos gritos dos grevistas, o exército abre fogo contra a população, que corre desesperada e não consegue se escapar das inúmeras rajadas de tiros que vão matando várias pessoas. Nesse momento, José Arcádio Segundo, simplesmente se apaga, acordando, mais tarde, dentro do trem já em movimento.

4.3.1 A Solidão Historiográfica Latino-americana representada pela cena de trem de mortos

Ao acordar, com muita dor, José Arcádio Segundo sente seu cabelo sujo de sangue seco, e se aterroriza ao perceber que está deitado sobre inúmeros corpos, já gelados, que se locomovem em vagões escuros e silenciosos para o derradeiro descarte. Como descrito anteriormente, os corpos dos grevistas massacrados teriam seguido para um rumo desconhecido pela população, e na obra analisada, diz-se que possivelmente os corpos rumariam para onde eram descartadas as bananas podres, fazendo referência ao valor da vida humana latino-americana, que nada mais é do que um carregamento de frutas podres para descarte.

Nesse momento, o personagem passa pelos inúmeros vagões, até chegar ao primeiro, de onde salta e se deita nos trilhos até a passagem do trem por completo. Então, se evidencia, nas entrelinhas, a quantidade de mortos. Deitado sobre os trilhos, José Arcádio Segundo conta mais de 200 vagões entulhados de mortos, que vai servir de base para ele poder compreender a magnitude do desastre.

Ao passar todo o imenso trem, sigiloso, noturno, e de luzes apagadas, o personagem volta pelos trilhos, na direção contrária a que o trem rumava, e depois de 3 horas e meia chega às primeiras casas, parcialmente iluminadas pelo início da manhã. Note-se, da manhã do dia seguinte.

Chegando à primeira casa, ele se apresenta, toma uma xícara de café, limpa seu sangue seco. Depois, fala para a dona da casa que deviam ser uns 3 mil mortos, e a mesma diz que não houve mortos há muitos anos, que nada haveria acontecido. Dessa maneira, também ao consultar outra pessoa, a mesma diz não ter visto nada e fecha sua porta. Assim, portanto, reflete-se acerca do povoado não ter visto o massacre, ou não o querer mencionar.

Como dito anteriormente, encontrado no texto de Caro (2010), muitos jornais computaram, inicialmente, o conflito sendo uma pequena escaramuça, chegando a cerca de 7

ou 8 mortos. Já de acordo com a primeira mulher mencionada acima, ela dizia com certeza que não havia mortos, que nada aconteceu, dando ênfase para, possivelmente, essa visão inicial de ter sido pouco ou quase nada o ocorrido com os trabalhadores bananeiros.

Da mesma maneira, a segunda mulher consultada por José Arcádio Segundo, poderia representar a parte da população que amedrontada, fingia não ter visto o tamanho massacre ocorrido, com medo de represálias. Assim, em meio ao caos, ao pavor e aos milhares de mortos que depois foram citados, porém sem nomes, sem lápides e totalmente indigentes, se fez uma política de deixar viver para os norte-americanos, e de fazer morrer aos colombianos trabalhadores.

Dessa forma, entre o esquecimento e o medo, se faz a historiografia latino-americana. Perpetuada de maneira violenta, como visto no massacre dos trabalhadores, e passível ao esquecimento, como a mulher que serviu café a José Arcádio Segundo.

Algo interessante de ressaltar, também, se mostra ainda no início do livro, quando ocorre a peste da insônia, que teria como sintomas, além de não dormir, o gradativo esquecimento da vida, do passado, e de tudo que se conhecia. Enquanto José Arcádio Buendía, o patriarca da família, ri da dita doença e diz que o dia seria mais produtivo sem se recordar do passado, uma mulher indígena que auxilia a família, chamada Visitación, se apavora com a possibilidade desta doença, em vistas de que “[...] começavam a apagar-se da sua memória as lembranças da infância, em seguida o nome e a noção das coisas, e por último a identidade das pessoas e ainda a consciência do próprio ser, até afundar numa espécie de idiotice sem passado.”(P. 48) Ressalte-se desse trecho, que uma mulher indígena, vinda do povo mais atingido em território Americano pela chaga da colonização, vai perceber a catástrofe que é o esquecimento, e chega a dizer que se afundariam em uma “idiotice sem passado”.

Como cura para a peste da insônia e para o esquecimento, Úrsula Iguarán prepara chás alucinógenos, que em nada auxiliam para dormir. E quando a cidade está completamente tomada pela doença e pelo esquecimento, uma das saídas que encontram é basicamente escrever o nome das coisas e informações importantes de como utilizá-las e o que devem fazer com elas. Porém, a medida eficaz e derradeira para a peste seria com a chegada do cigano Melquíades, que traz um remédio para a insônia, e como agradecimento passa a viver com a família. Uma interpretação possível acerca da relevância de Melquíades pode se dar a partir de uma poção de cura um tanto metafórica. Melquíades, que seria quem escreveria toda a saga dos Buendía em seus manuscritos quase indecifráveis, seria quase que uma espécie de historiador, que contra o esquecimento e a ignorância vai trazer não só um remédio para lembrar, mas vai escrever para não mais esquecer, e nunca mais ficar às sombras da ignorância.

No entanto, pensando ainda sobre as questões referentes ao massacre, a fim de não permanecer em uma peste da insônia, cabe citar que o personagem José Arcádio Segundo, ao retornar para casa, é completamente desacreditado pela sua família, em vistas de que os mesmos leram nos periódicos que o conflito havia terminado de maneira tranquila. Também assim, os militares pedem para que seja assinado um acordo entre o sindicato e a *United Fruit Company*, que José Arcádio Segundo diz que assinará após o tempo estiar.

A chegada da chuva, que como um dilúvio bíblico viria para limpar, lavar e purificar a cidade fictícia de Macondo após o massacre dos trabalhadores, duraria 3 anos. Nesse tempo, as casas se decomporiam, as pessoas mofariam, os animais morreriam e todo o povoado, os negócios locais, e até mesmo a família Buendía entraria em decadência total e completa, levando lentamente ao fim da estirpe condenada à solidão.

Pensando puramente sobre a solidão latino-americana representada a partir da cena do trem de mortos, existem diversas referências que se pode fazer, perpassando pelos âmbitos de como as vidas são retratadas, de como as narrativas são desacreditadas e de como a História deixa de contar sobre os sofrimentos latino-americanos.

O trem, carregado de corpos, em uma viagem derradeira e com destino desconhecido, vem para mostrar o valor da vida latino-americana. Marginalizados, abandonados à própria sorte, sem auxílio de seu próprio Estado, os mortos, no trem escuro da catástrofe, são descartados, solitários, em um destino desconhecido.

José Arcádio Segundo, sobrevivente do massacre, acorda sozinho em um trem lotado de corpos, e ao contar sobre o ocorrido é totalmente invalidado e desacreditado, pois inclusive a mídia local repassara ideias de um desfecho pacífico. O personagem, que na volta para casa tem de se silenciar sobre o ocorrido, e o qual passa o restante da vida afirmando o que ele testemunhara sem ser ouvido, tem em si um pouco de cada um que vive aqui. As memórias, nunca representadas e descritas pela historiografia, também se mostram no mais profundo e completo descaso, na maior solidão.

4.3.2 A Solidão

Gabriel García Márquez, fala, no seu discurso em Estocolmo, na Suécia, onde recebeu seu Prêmio Nobel de Literatura, sobre a Solidão Latino-americana. Perpassa pelas ideias iniciais europeias de um local encantado e maravilhoso, bem como, pelos animais exóticos, pelas plantas únicas e pelas riquezas locais, tudo para explorarem da maneira mais completa e brutal possível.

Gabo continua citando, além da colonização, as inúmeras violências na América Latina, as ditaduras militares, as mortes de gestantes e de crianças, a fome, a pobreza. Chega a dizer, por fim, que de tantas coisas, horríveis e maravilhosas que se vê acontecer, é muito pequena a parcela de imaginação a que um autor precisa recorrer para escrever um romance, criar uma pintura, uma novela, um ensaio, uma música. E assim, em meio à beleza e ao caos, conceitua a solidão em que vivem e estão inseridos os latino-americanos.

E essa solidão, que se construiu ao longo da História com falta de narrativas próprias do povo latino-americano, dos inúmeros ciclos de violências, das ditaduras, dos massacres, da fome e da fúria da natureza, não se mostra somente no livro em que carrega seu nome.

A solidão está na morte Omayra Sanchez, de 13 anos, que após o deslizamento de terra decorrido da erupção de um vulcão, na Colômbia em 1985, permanece 60 horas presa, da cintura para baixo, em um lamaçal repleto de escombros, com socorristas ao redor, que em nada podiam auxiliá-la, e pela qual o mundo se comoveu, porém não a salvou.

Está nos mineiros presos em uma mina no Chile, que são regatados após 69 dias abaixo de 700 metros da superfície. Está no “poema 20” de Pablo Neruda. Está na menina com a doença de chagas, na fotografia na janela, com olhos endurecidos pela vida, descrita por Eliane Brum em “Os vampiros da realidade só matam pobres”, do livro “Dignidade!”. Está nas estatísticas de prostituição, do trabalho infantil, da falta de saneamento básico, da falta de acesso à saúde, dos refugiados mal recebidos. Está nas crianças brasileiras nascidas com microcefalia, está nas pessoas sem energia elétrica, está no trabalho análogo à escravidão.

E em meio a essa solidão, que condenaria à morte as estirpes latino-americanas, García Márquez escreveria seu livro, a fim de que “[...] estirpes condenadas a cem anos de solidão tenham, enfim e para sempre, uma segunda oportunidade sobre a terra”. (P.28)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho de leitura e análise da obra “*Cien años de soledad*” do escritor colombiano Gabriel García Márquez, é possível perceber a América Latina e a solidão de seu povo em cada página ao transcorrer do livro, que apesar de se tratar de uma obra romanesca, de forma alguma deixa de acrescentar para o conhecimento do real.

Dessa maneira, se mostra a relevância de se poder analisar uma obra literária, que por muito tempo não foi tida como fonte historiográfica, mas que se mostra um meio riquíssimo de se obter informações muitas vezes não acessadas de outras maneiras, permitindo assim, a construção de uma historiografia mais igualitária e democrática.

E nesse âmbito, o estilo literário denominado “Realismo Maravilhoso”, é uma importante maneira de, por fim, contar a história latino-americana de seu próprio ponto de vista, podendo assim, pela primeira vez na história, ter sua própria voz. Cercada de narrativas estrangeiras sobre si mesma, a América Latina em muitos momentos foi descrita e narrada a partir dos pontos de vistas alheios a si, que acabaram por não abarcar sua própria verdade. Como se pode ver desde os diários de navegadores, que percebiam tudo a partir de seus parâmetros de cultura e sociedade, até mesmo em pleno século XX, com os EUA considerando missões civilizatórias ao povo e às nações latino-americanas.

Com uma historiografia feita do ponto de vista do europeu colonizador, a única saída para o povo latino-americano foi partir para a literatura romanesca, que de fato foi muito importante para contar as memórias, e enfim trazer à tona sua vida, sua realidade e sua solidão. E assim percebe-se a importância da criação de um estilo literário próprio, que permite ao povo narrar seus acontecimentos, falar sobre suas memórias, acessar seu passado, que de forma oficial nem sempre é considerado, descrito, e respeitado como deveria ser.

Dessa forma, pôde-se perceber a genialidade de um estilo literário que mescla o real e o maravilhoso, o qual não tem o dever de retratar o real, mas age com tal verossimilhança, como na obra de García Márquez, que acaba sendo uma ótima maneira de expressar e contar sua história aos bons entendedores de meias palavras, em vistas de que, com os países da América Latina passando por diversas ditaduras militares um tanto severas, alguns livros questionadores e delatores dos crimes e das torturas passavam despercebidos pelas mãos da censura.

É importante considerar, também, que Gabriel García Márquez não esteve sozinho nessa nova forma de escrever e repensar a América Latina. Diversos autores locais escreveram e descreveram, das mais variadas formas, as realidades e os dramas latino-americanos. E pelo trabalho conjunto de todos, se deu o *Boom* literário do Realismo Maravilhoso, que fez com que

a literatura da antiga colônia fosse, enfim, lida na metrópole. E esse período teria seu ápice com a obra *Cien años de soledad*, que seria traduzida para inúmeros idiomas, e que como a mais delicada borboleta amarela, teria pousado sob os olhos de milhares de leitores, ao redor do mundo.

Cabe ressaltar, também, a relação que o autor do livro, sua obra e seu país possuem, pois como visto durante o presente trabalho, é praticamente impossível desvincular um do outro. Gabriel García Márquez, em seu livro, conta sua história, de sua família, de seu povo. Conta as chagas da História colombiana que possui suas liberdades cerceadas pela constante e onipresente política de fazer morrer aos seus conterrâneos, que se mostra como uma ferida, que muitos anos depois ainda não estaria fechada. As injustiças, as mortes, a fome, os guerrilheiros e o estado fraco só vêm para reafirmar essa dolorosa solidão, que tanto custa a acabar.

E após tantos anos de violência, iniciada com os colonizadores europeus, e sequenciada pelo silêncio historiográfico, desenha-se uma necropolítica, vinda diretamente do Estado e de suas falhas para com sua população, abrindo brechas para intervenções estrangeiras desmedidas e incoerentes, como no caso colombiano.

O livro, além de uma imensa mescla entre o mágico e o real, permite que transpareçam traços da cultura, da intervenção estadunidense, da fome, das doenças curáveis que levam à morte, e da imensurável solidão em que se encontra não só a Colômbia, mas a América Latina toda.

A solidão que Gabriel García Márquez expõe em seu livro, contando a saga da família Buendía e do povoado de Macondo, se mostra pura e simplesmente como uma caricatura do real latino-americano. As referências são inúmeras, e mesmo o estilo literário não possuindo obrigação de retratar o real, o autor dirá que os latino-americanos precisam recorrer pouco à imaginação, já que o real é tão absurdo que parece impossível de acontecer. Como na cena, que infelizmente foi real, de uma locomotiva, carregando, como frutas podres, os trabalhadores já tão explorados, para seu derradeiro e silencioso descarte.

O trem, lotado de mortos do massacre dos trabalhadores em greve, leva os corpos, mais solitários do que nunca, para um lugar desconhecido. Longe dos olhos do mundo, e sob o jugo de um Estado complacente com a violência estrangeira contra seu próprio povo, se escreve a História da Colômbia, que com toda a certeza não é a única a viver situações semelhantes. Mas ao contrário dos trabalhadores mortos e da família Buendía, Gabo ressaltará que escreveu seu romance a fim de que as estirpes condenadas à solidão tenham, enfim, uma segunda chance sobre a terra. (MÁRQUEZ, 2011)

FONTES

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. 41. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Gleydson Pinheiro. **Multinacionais e Neocolonialismo: a atuação da *United Fruit Company* na América Latina no Século XX**. Revista GeoSertões (Unageo/CFP-United Fruit CompanyG). n. 1, vol. 1, jan./jun. 2016 <http://revistas.UnitedFruitCompanyg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/index>

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart (comp.). Na barriga de algum monstro?: os rumos da crítica literária feminista na América Latina no final do milênio. In: MACIEL, Maria Esther (comp.). **América em movimento: ensaios sobre literatura latino-americana do século xx**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. Cap. 11. p. 195-210.

ÁVILA, Myriam (org.). Peripatografias: considerações sobre o motivo da viagem na literatura latino-americana contemporânea, a partir de Héctor Libertella. In: MACIEL, Maria Esther et al (org.). **América em movimento: ensaios sobre literatura latino-americana do século xx**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. Cap. 6. p. 113-128.

BELLINI, Nerynei Meira Carneiro. **Realismo Maravilhoso no Brasil insólito de Monteiro Lobato**. Claraboia: Revista do curso de letras da UENP de Jacarazinho- PR n 2/1, p. 117-129, jan./ jun. 2015.

BLOCH, Marc. **“Apologia da História ou O ofício de historiador”**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRUM, Eliane; LLOSA, Mario Vargas; GIODANO, Paolo; DUNNE, Catherine; BARTLETT, Alicia Giménez; LEVINE, James; AYKOL, Esmahan; DOSHI, Tishani; N’SONDÉ, Wilfried. **Dignidade!:** nove escritores vivenciam situações-limite e relatam o comovente trabalho da organização Médicos sem Fronteiras. São Paulo: Leya, 2012.
BRUSCHI, Maura Pelin. **O elemento fantástico nos contos de Moacyr Scliar**. 2001. 44 f. Monografia (especialização) - Curso de Curso de Especialização em Literatura Brasileira, Departamento de Linguística, Letras e Artes, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Erechim, 2001.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929 - 1989): A revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

CARO, Jorge Enrique Elias. **La masacre obrera de 1928 em la zona bananera del Magdalena-Colombia**. Una historia inconclusa. Portal Scielo, 2011. Disponível em:<https://www.scielo.org/ar/scielo.php?pid=S16688090201100010000&script=sci_arttex> . Acesso em: 03 de março de 2021.

CASTOR, Josemar Gonçalves. **La vida y la Obra de Gabriel García Márquez**. Disponível em: << https://nanopdf.com/download/la-vida-y-la-obra-de-gabriel-garcia-marquez-josemar-goncalves_pdf>> p. 17.

CHIAMPI, Irlemar. **O Realismo Maravilhoso**. Perspectiva: São Paulo, 2 ed, 2008.

DACANAL, José Hildebrando. **Realismo Mágico**. Editora Movimento: Porto Alegre- 1970. V.1.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 61-91.

FIGUEIRA, Lauro. **Realismo Mágico ou Realismo Maravilhoso?** Moara- Revista dos Cursos de Pós- Graduação em Letras UFPA. Belém, n. 14, p. 21- 33, jul./ dez., 2000.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Porto Alegre: LP&M, 2018.

GRISALES, Sandra Patrícia Arena. **Colômbia: a Memória em meio à guerra**. Tempo social: Revista de Sociologia da USP, v.25, n.2, nov. 2013.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

LUCENA, Karina de Castilhos. **MACONDO: ALÉM DA TERRA FIRME**: um estudo sobre a cidade imaginária. 2008. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2008.

MAIA, Gretha Leite. **Alumbrar-se: Realismo Mágico e resistência às Ditaduras na América Latina**. Anamorphosis: Revista Internacional de Direitos e Literatura, 2016. v. 2, n. 2, p. 371- 388.

MACIEL, Maria Esther (org.). Apresentação. In: MACIEL, Maria Esther et al (org.). **América em movimento**: ensaios sobre literatura latino-americana do século xx. Rio: Sette Letras, 1999. p. 9-12.

MANOEL, Diogo Silva. **MÚSICA PARA HISTORIADORES**: [re]pensando canção popular como documento e fonte histórica. Anais do XIX Encontro Regional de História, Juiz de Fora, 2014. Disponível em <<http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1401504922_ARQUIVO_Artigo-prototipo-Anpuh_corrigido-DiogoUnesp.pdf>>

MARÍN, P.; ALZATE, G. . Corpos ausentes e armas fundidas: arte e necropolítica na Colômbia. **Conceição/Conception**, Campinas, SP, v. 9, n. 00, p. e020020, 2020. DOI: 10.20396/conce.v9i00.8662160. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8662160>. Acesso em: 2 ago. 2021.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Eu não vim fazer um discurso**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

NEIRA, M.A. **Colômbia: Paradoxos na construção da democracia colombiana**. In SORJ, B., e OLIVEIRA, MD. Eds. *Sociedade civil e democracia na América Latina: crise e*

reinvenção da política [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2007. P. 95- 146.

OLIVEIRA, Denis de. **A violência estrutural na América Latina na lógica do sistema da necropolítica e da colonialidade do poder**. Extraprensa, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 39-57. Jan/jun.2018.

PAGANO, Adriana Silvina (org.). Políticas de interação cultural na América Latina: a tradução no diálogo Brasil-Argentina. In: MACIEL, Maria Esther et al (comp.). **América em movimento: ensaios sobre literatura latino-americana do século xx**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. Cap. 1. p. 15-32.

PIÑA, Marcela Patricia Barraza. **LA MASACRE BANANERA EN CIÉNAGA - MAGDALENA 1928: una mirada a la producción historiográfica**. 2019. 83 f. TCC- Curso de História, Universidad de Cartagena Facultad de Ciencias Humanas Programa de Historia, Cartagena, 2019.

SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos. **Violência na Colômbia em perspectiva histórica**. Revista Outubro, n.22, 2º semestre de 2014. p. 140 a 170.

SANTOS, Gabriel Gustavo dos; BELLINI, Nerynei Meira Carneiro. O Realismo Maravilhoso em Cem anos de Solidão:: um elemento de representação das memórias do autor. **Revista Travessias**, Jacarezinho, v. 12, n. 3, p. 211-227, set./dez. 2018

VIEIRA, Felipe de Paula Góis. *Cien años de soledad: a Macondo- América de Gabriel García Márquez como representação do Continente Latino- Americano*. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 254-279 ,jan/jun 2012. Disponível em: <http://revista.anphlac.org.br/index.php/revista>. Acesso em: 09 mar. 2021.

WAQUIL, Marina Leivas. **O boom latino-americano: recepção e tradução**. UFRGS: 2014. Disponível em: <<<https://seer.ufrgs.br/translatio/article/download/50907/31685>>>

WASSERMAN, Claudia. **História Contemporânea da América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, 2 ed.